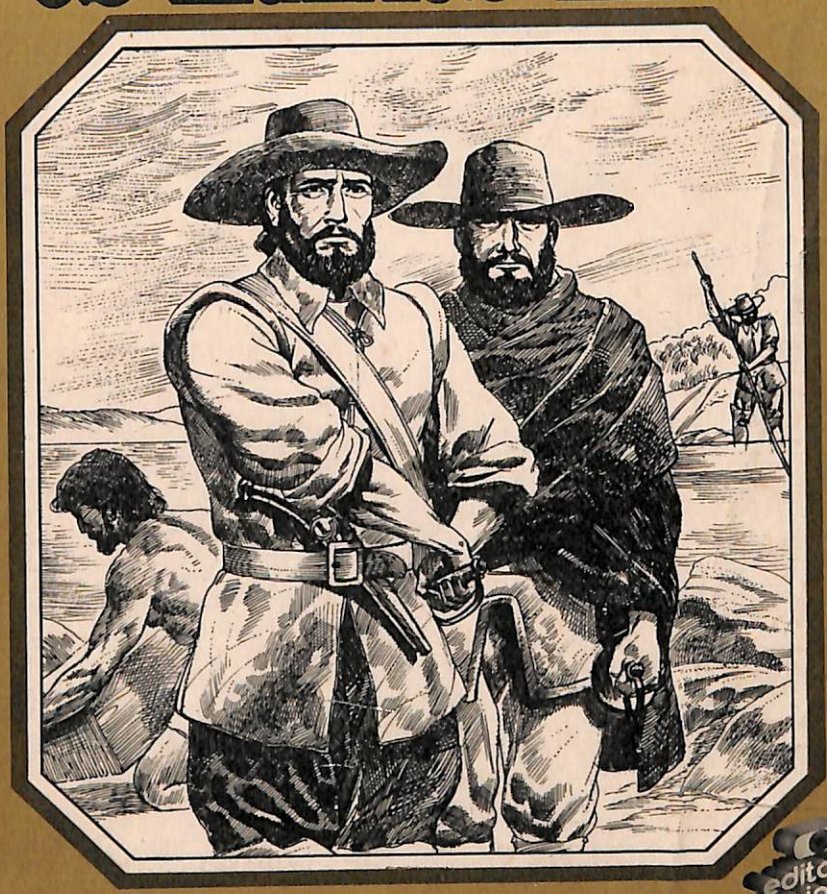
100 centenário Paulo Setúbal

Paulo Setúbal

OS IRMÃOS LEME



editora nacional

OS IRMÃOS LEME

CAPA
Osvaldo S. Sequetin

Paulo Setúbal

OS IRMÃOS LEME

ROMANCE

6ª edição





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Setúbal, Paulo, 1893-1937.
Os irmãos Leme : romance / Paulo Setúbal. – 6. ed. – São Paulo : Ed. Nacional, 1993.
"Edição comemorativa dos 100 anos de Paulo Setúbal."

1. Brasil – História – Ficção 2. Romance brasileiro I. Título.

93.1120 CDD-869.93081

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances históricos : Literatura brasileira 869.93081

Direitos reservados

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO E PROMOÇÃO
Rua Joli, 294
03016-020 São Paulo, SP

1993
Impresso no Brasil

ÍNDICE

Primeira Parte:

OS IRMÃOS LEME

As filhas de João Cabral 11
Fernandes de Abreu 25
No Pouso de Camapuã 33
Pascoal Moreira 45
Sebastião do Rego 59
O Ouro dos Lemes 77
A Hora Radiosa 93
O Regente-mor de Cuiabá 109
A Ordem do Governador 121
"...Ou para melhor dizer, duas feras" 131

Segunda Parte:

SEBASTIÃO FERNANDES DO REGO

544 Oitavas de Ouro 149
O Provedor dos Quintos de Itu 163
Caldeira Pimentel 171
Três Caixões de Ouro 179
O Voto 189
A Missa dos Remédios 199

A história deste livro, que é uma história verídica, completa a crônica: O OURO DE CUIABÁ.

Para restauração dela, que estava soterrada em muito calhamaço velho, serviram ao autor de fontes:

Washington Luiz "História da Capitania de S. Paulo"; Pedro Taques, "Nobiliarquia Paulistana", Rev. do Inst. Hist.; Documentos Interessantes — "Correspondência de Rodrigo César de Menezes", vol. 20; "Bandos e Portaria de Rodrigo César", vols. 12 e 13; "Correspondência e Papéis Avulsos de Rodrigo César", vol. 32; "Cartas do Conde de Sarzedas ao Rei de Portugal", vol. 40; "Correspondência do Conde de Sarzedas", vol. 41; Toledo Piza, "Comentários", Rev. do Inst. Hist. S. Paulo; Azevedo Marques, "Apontamentos"; Barbosa de Sá, "Crônicas de Cuiabá".

S. Paulo, 1932.

PAULO SETÚBAL

PRIMEIRA PARTE:

OS IRMÃOS LEME

AS FILHAS DE JOÃO CABRAL

Maruca, a filha de João Cabral, olhou para a irmã com espanto:

— Os Lemes?

— João Leme e Lourenço Leme, sim, senhora! Estiveram os dois na festa. E dançaram o que deu a noite...

— Credo!

* * *

É tarde. Fora, na noite branquejada de luar, a fazendola de João Cabral repousa, adormida. Dentro, à luz mortiça do candeeiro, conversam, baixinho, as quatro filhas do sitiante. Comentam o acontecimento da véspera: a festa de São João na chácara do Penteado. Fora a coisa mais ruidosa do ano. Há muito que se não via nada igual. Quanta gente! Gente das vizinhanças, gente da vila, gente de fora, gente de toda a parte. Maruca talvez fora, nas redondezas, o único vivente que faltara à festa. Mas as irmãs lá estiveram. E foram,

como de costume, as moças mais reqüestadas da noite. As mais reqüestadas, sim. Ah, as filhas de João Cabral! Quem não conhecia, léguas em derredor, as filhas do paulista? Que raparigas guapas! Tinham fama de ser as morenas mais formosas de Itu. A beleza delas corria mundo. Aquilo, pelo sertão, era uma boca só:

— Nossa! Buniteza chegô ali e parô...

Eram quatro moças. Mas só a Maruca, realmente, era filha legítima de João Cabral. As outras três, criara-as o lavrador desde pequeninas. Criara-as com enternecimentos de pai. E elas eram agora, naquele fundo de sertão, o mais risonho enfeite da sua velhice.

Naquela noite, hora já morta, as quatro moças conversavam à luz do candeeiro. Conversam baixinho. Maruca, ao ouvir as miudezas da festa, arregala os olhos com espanto:

— Credo?! E os Lemes dançaram também com você?

* * *

Nada mais natural do que esse espanto. Os Lemes eram dois irmãos que aterrorizavam. Dois régulos sanguinários. Haviam-se tornado, desde há muito, o espantalho e a ira do povo. A fama deles, negra e feia, derramara-se já pela Capitania. Em Itu, mais parti-

cularmente, cometiam eles atrevimentos de todo o jeito. Desacatos ferozes. Brutalidades que arrepiavam. A cidadezinha andava cheia da crônica torva dos dois irmãos.

No entanto — nota curiosa! — essas duas almas desabridas, cheias de escuridão, entroncavam-se, em linha reta, numa clara fieira de avós fidalgos. Pertenciam eles a um dos mais puros e dos mais velhos sangues de Portugal. "Desta familia, e dos grandes varões que ella produziu, por espaço de quinhentos annos, já falla Manoel Soeiro nos seus Annaes de Flandres", diz o nosso Pedro Taques. Nos "Annaes de Flandres", sim, porquanto os Lemes descendem daquele Martim Lemes, "cavalleiro nobre e rico, senhor de muytos feudos na cidade de Bruges, nas Flandres", e que já tinha no seu brasão antiquíssimo, "as armas da casa em campo de ouro, com cinco melros pretos, sem pés nem bicos e, por timbre, um dos melros entre aspas de ouro". Os Lemes do Brasil eram ilustres. Ilustres pelas armas, ilustres pela inteligência, ilustres pela virtude. O pai destes mesmos dois Lemes, que assombravam a vilota de Itu com o estrépito de suas façanhas, fora aquele tão falado Pedro Leme, o Torto, que deixara, na história bandeirante, um nome rudemente célebre.

Pedro Leme, além de torto, era coxo. Mesmo assim, bambo e desarticulado, praticara belo ato de co-

ragem, que diz com estridência da sua têmpera de bravo.

Certa bandeira de paulistas metera-se pelo sertão adentro à cata de índios. Pedro Leme ia entre eles. O bando, após romper muito mato e vadear muito rio, arranchara-se nos campos de Vacaria. Eis que surge, naqueles campos, inesperadamente, grossa companhia de castelhanos. Eram trezentos homens. E trezentos homens bem armados. O capitão espanhol vê, com surpresa, os bandeirantes paulistas já na posse de tais paragens. Não gosta do encontro. E entra em ásperas parlamentações com eles. Amedrontando-os — a companhia era de trezentos homens! — impõe o castelhano que se lavre ali uma escritura, lançada com forma e regra, em que os desbravadores confessem "ser aquelle sertão de Vacaria todo da conquista e do dominio de el-Rei de Hespanha, como primeiro rei e senhor daquela provincia..." Os bandeirantes, à vista de tamanha força armada, concordam. E começam a assinar. Chega a vez de Pedro, o Torto. Mas eis que o Leme, arremessando com fúria a pena de pato ao chão, arranca, inopinadamente, do seu largo facão-de-mato:

— "Não, mil vezes não! Vossa Senhoria, pelo poder com que se acha nestas paragens, será, isto sim, senhor de minha vida; mas não será nunca senhor da minha lealdade. Estas campanhas são, e sempre foram,

de el-Rei de Portugal, nosso Senhor: por isso, senhores, eu não hei de jamais botar o meu nome em semelhante papel..." (1).

Os castelhanos, ao verem a fúria do homem desengonçado, põem-se a chasqueá-lo, com desprezo:

— Miren el tuerto! Miren el tuerto!

— Torto só, não, castelhanos dos diabos — torto e coxo! Olhai para mim!

E o Torto, com o facão em punho, desafia, ameaçante, o bando rival. Aquela brusca rebeldia acende os brios dos sertanejos. Cerram-se todos, numa só massa, em torno do paulista. Os espanhóis, diante de atitude tão bravia, julgam de bom aviso o recolherem-se ao acampamento. Recolhem-se. E no outro dia, ao romper do sol, têm os bandeirantes esta surpresa: os castelhanos, abandonando o pouso, haviam fugido todos durante a noite.

Assim, graças a Pedro Leme, o Torto, não se desmembrou do país um vasto pedaço de seu território: os chãos de Vacaria ficaram, por direito de conquista e por direito de posse, pertencendo legitimamente a Portugal. São hoje parte integrante do Brasil.

Ora, João Leme e Lourenço Leme haviam herdado, com o sangue, a valentia xucra do pai. Eram dois

(1) Pedro Taques. Nob. Vol. 35 Rev. Inst.

caboclos desabusados. Desabusados e selvagens. Duas onças. Mas a bravura deles não era a nobre, a refulgente bravura dos heróis. Não. "Degenerou o merecimento destes Lemes em extorsões e violencias", diz com amargura o linhagista e parente. Sim, que insolentes sertanejos eram aqueles dois irmãos! Que horrendas coisas viviam eles a praticar pelas redondezas de Itu!

Desde mocinhos ganharam fama de gente perigosa. Ficaram homens. A fama deles não mudou. Um dia, aventureiros e destemerosos, partiram ambos para as Gerais à cata de ouro. Voltaram com a fama ainda mais negra. Contavam-se, com os cabelos em pé, as proezas que haviam cometido nas Gerais. É verdade que lá tiveram a boa sorte de catar bastante ouro. Enriqueceram. Ricos, já poderosos, com grande séquito de apaniguados, tornaram eles de novo a Itu. Aí viviam, ao tempo da festa do Penteado, aturdindo a vila com os desregramentos das suas vidas soltas. As gentes da terra fugiam deles como da peste. Eles eram o terror do povoado.

Por isso, no sítio de João Cabral, àquela noite, Maruca, ao ouvir as miudezas da festa, arregala os olhos com pasmo:

— Credo! E os Lemes dançaram com você?

— Lourenço Leme dançou comigo a noite inteira! Que podia eu lá fazer? Mal principiava a dança, enveredava ele para o meu lado; e...

Cala-se, chocada. Leve, abafado rumor de passos quebrava de golpe a quietude da noite.

— Apague a luz, Maruca!

Maruca assopra o candeeiro. As quatro moças, assustadas, põem-se a escutar o estranho ruído. Que será?

Fora, por campos e matos, a noite fresca de junho, faiscante de estrelas, cai de novo na sua quieteza. O sítio, sob a paz doce do céu, continua merencoriamente adormecido. Não se ouve mais ruído algum. Nem eco, nem sopro. Pesado silêncio, silêncio fundo de sertão, retombara com melancolia em tudo.

— Você ouviu, Maruca?

— Ouvi. Há gente andando pela mangueira. É bom acordar o pai.

Maruca, amedrontada, corre ao quarto do pai. As irmãs ficam na sala, com medo, o ouvido à escuta.

Eis que, de repente, violentíssimo sacolejão estruge à porta. As três moças erguem-se, sacudidas. Estruge, mais violento, novo sacolejão: a porta escancara-se. Surgem imediatamente, ao baço clarão do luar, confusos vultos de homens.

João Cabral saltara da cama com ímpeto. E, de trabuco em punho, precipitara-se já fora do quarto. Ao vê-lo, tiros de bacamarte estrondam bruscamente no ar. E logo, com tiros, negro magote de caboclos entra de roldão na sala. E é uma desordem. E berros.

— Mata! Mata!

Acodem escravos com tochas. Acodem agregados. Acodem índios. Mas todos, à luz das tochas, subitamente estacam, transidos. Explode daquelas bocas um grito medonho:

— Os Lemes!

Sim, são os Lemes. E ante aquele nome terrificante, ante aqueles berros e estrondos, tudo, escravos, índios, agregados — tudo deita a correr espavoridamente, atropeladamente, num desvairado anseio por fugir à sanha dos irmãos facínoras.

— Salve-se quem puder!

Os atacantes, em meio ao tumulto, lançam-se sobre João Cabral. Como resistir? Impossível! Os homens agarram-no. Subjugam-no. Amordaçam-lhe a boca. Prendem-lhe as mãos. Prendem-lhe os pés.

Lourenço Leme é quem dirige a façanha.

— Não mate o homem! Amarre só, bem amarrado. Deixe ele depois por aí. Faça esse serviço, Ângelo.

Vira-se em seguida para o irmão:

— Você, João, mais o Cavichi, tome conta das moças. Leve elas até o capão de angico. E me espere lá.

João Leme e o Cavichi cumprem a ordem. Saem com as moças. João Cabral, amordaçado, contempla, como num pesadelo, aquele uivante desacato. O pai miserável tem os olhos escancarados. Está fora de si.

Mas os dois homéns, com tranqüilidade, tangem, à luz da lua, as filhas de João Cabral até ao capão de angico. Elas estão estuporadas. Que é aquilo?

Dentro, a cena continua horrorizante.

Ângelo Cardoso desafivela da cinta, friamente, longas correias de couro. E principia, jeitoso, a amarrar o lavrador como se amarra um bicho. Amarrou-o. Trançou-o todo de laços e nós.

— Pronto, sô Lourençol O home tá bem encastoado.

Lourenço Leme, vendo o serviço findo, mete um pontapé no velho:

— Fique por aí, traste. E dê graça de ficá com vida! O que eu devia fazê, por via de dúvida, era metê um balázio no teu bucho. Não faço de dó. Mas vancê — veja bem! — não queira se engraçá comigo, senão...

Aponta, ameaçante, o trabuco de boca larga enfiado no cintão de couro. E sai, pisando duro, com a sua emproada soberba de mandão rústico.

* * *

O capão de angico lá estava, lá no cotovelo da estrada, como um borrão pastoso na alvura do luar. Havia negro magote de cavalos entre as árvores. João Leme, rodeado de peões, chasqueava das moças:

— Então, siá dona, gostô da festa do Penteado?

As filhas de João Cabral não tinham ânimo de gaguejar palavra. Aquilo as estupidificara. Elas tinham o sangue parado nas veias. Que irá acontecer?

— Então, siá dona, gostô da festa?

Surgem nesse momento os retardatários. E Lourenço Leme, sem mais delongas:

— Vamos reparti a prea, João!

Chega-se rente às moças. E aponta a mais velha.

— Esta diaba foi a que dançô comigo, João. Eu quero ela prá mim.

— Eu quero aquela do meio...

— Pois bote ela na garupa do cavalo e toque... A outra, aquela morena peituda, que fique pra Pero Leme, que tá no rancho esperando (1).

Torna-se para os caboclos:

— Agora, moçada, a cavalo! Toca pro poso!

Os caboclos montam. Nisto, Ângelo Cardoso intervém:

— Ainda falta uma, sô Lourenço. É a Maruca. Essa ficô no sítio. Se vancê deixá, eu vô buscá ela pra mim.

— Ficô uma no sítio? Diabo! Pois então vá buscá, Ângelo! E se arranje co'ela do jeito que quisé... Té logo!

---

(1) Não se trata de Pedro Leme, irmão de Lourenço e João Leme, que foi homem honrado. Trata-se, segundo Taques, de um outro Pedro Leme, parente próximo dos dois régulos.

Esporeia o matungo. E partem todos, com os Lemes, num trote largo.

Ângelo Cardoso ruma de novo a caminho do sítio. Chega. Ninguém na mangueira: a escravatura fugira toda. Ângelo Cardoso, pé ante pé, envereda-se em direitura ao casarão. Dentro, um candeeiro de azeite, muito mortiço, quase a extinguir-se, alumia baçamente a sala. À luz moribunda, debruçada sobre João Cabral, Maruca tenta desatar os couros que o enleiam. Eis que, como um fantasma, Ângelo surge à porta. A moça, ao vê-lo, ergue-se de um pulo. Ergue-se lívida, com o trabuco do pai nas mãos. Os seios arfam-lhe, túrgidos. Os olhos, chamejando, saltam-lhe das órbitas.

O bandido sorri. Fita-a com imperturbável desassombro.

— Cuidado, moça!

E avança. Avança um passo... E outro... Maruca bate fogo! A bala — céus! — crava-se com estrondo na parede fronteira. A rapariga, apavorada, quer fugir. Mas o homem, com um salto, agarra-a pela cintura. Enlaça-a. Diante da brutalidade, João Cabral solta um uivo. E o pai infeliz, tombado por terra, segue, com olhos em fogo, os lances brutais da cena feroz.

Ângelo, com músculos de ferro, aperta nos braços a moça que se debate. Mas é inútil aquele debater-se.

O facínora, impiedosamente, diante do velho amarrado, aperta-a sempre. Morde-a. Cobre-a de beijos. Cobre-a de beijos sufocantes e devoradores. A desgraçada rapariga está esmagada. Exausta. Não tem mais forças para reagir. Então, sob o olhar esbugalhado do pai...

Nisto, o candeeiro mortiço, quase a extinguir-se, bruxuleia de súbito. Apaga-se. E cai brusca escuridão sobre aquela tragédia.

FERNANDES DE ABREU

No outro dia, madrugada ainda, Antônio Fernandes de Abreu apeia na mangueira da fazendola. Sitiante vizinho, amigo e compadre de João Cabral, Fernandes de Abreu corre, grande séquito de escravos, a levar a sua ajuda ao pai miserável.

Penetra no casarão.

Dentro, logo à porta, Fernandes de Abreu estaca, chocado: dá com o velho arremessado ao chão, a mordaça na boca, trançado de couros como um bicho.

— Que é isto, sô João?

João Cabral lança ao amigo um olhar vago. Não faz gesto algum. Nem o sinal mais leve. Tem o ar alheado e estúpido.

— Espere um poco, sô João! Vancê já vai ficá livre desses tentos.

Fernandes de Abreu, com os escravos, põe-se a desempecer o velho daquele esmaranhado de couros.

— Pronto, sô João. Vancê já tá desembramado. E agora, compadre — de pé!

João Cabral não se alui. Não tenta o menor movimento. Deixa-se ficar ali, imóvel, largado no chão.

— Não pode alevantá, compadre? Ché, sô João, vancê ficô fraco da perna. Qué que ajude?

Os escravos soerguem o velho. Põem-no de pé. E sustêm-no a custo.

— Então, sô João? Que é que aconteceu?

João Cabral não responde. Fixa apenas no amigo dois olhos tontos. Que aspecto alvar o do velho! Fernandes de Abreu, comovido, chega-se rente do pobre fantoche. Bota-lhe as mãos no ombro. Sacode-o.

— Fale um poco, sô João! Que há? Vancê a mode que tá co' a língua perreada?

João Cabral não murmura palavra. Continua a olhar o amigo com aquele mesmo olhar absurdo. E abre a boca. Abre a boca num rito aparvalhado. Grosso fio de baba escorre-lhe pelo beiço.

Fernandes de Abreu sacode-o de novo. Sacode-o com força. E fala-lhe. E grita-lhe. E ralha. Nada! O velho tem sempre o mesmo olhar abobado. Fernandes de Abreu compreende então a catástrofe.

— Sô João ficô ruim da cabeça, moçada! O robo das filhas desmanchô o juízo do pai...

Fernandes de Abreu tinha bem razão: "daquelle desgosto (diz o Taques) o velho João Cabral enlouqueceu" (1).

(1) "Nob. Paulist." Rev. Inst. Vol. 35.

* * *

Nesse mesmo dia, metendo João Cabral num bangüê, o amigo do louco ruma bravìamente a caminho de Itu. Leva no peito, como um incêndio, contagiantes labaredas de ira.

Fernandes de Abreu, senhor de escravatura e teres, é homem de prol na vila. Homem reto de coração e limpo de nome. É filho daquele afamado Antônio de Abreu, paulista destemeroso, que partiu daqui, no terço de Domingos Jorge Velho a destruir, em Pernambuco, a nação negra dos Palmares. O velho Antônio voltara da áspera jornada com o nome recoberto de feitos. O filho não deslustrara o pai: é paulista dos bons. É bandeirante honrado e guapo.

Ali vai ele, ante a desgraça de João Cabral, a caminho da vila. Vai, num impulso generoso, sanhudo como cascavel pisada, clamar contra a hediondeza dos Lemes.

Em Itu, mal chega, reúne os maiorais da terra. Mostra-lhes o velho abobado. Narra-lhes miudamente a tragédia. E, com a narrativa, insufla indignações, chuça ódios e cóleras.

A semente daquela ira justa tomba em terra branda. Alastra-se. Aquelas gentes rudes fundem-se numa

raiva só. De boca em boca, esbraseante, corre então pelo povoado este brado único:

— Liquidar os Lemes! Liquidar os Lemes!

Fernandes de Abreu assenta, com os da vila, em dar caça aos facínoras. Iriam atacá-los na própria casa, frente a frente, como quem ataca perigosa furna de onças.

E foi por isso que, no mesmo dia, o compadre de João Cabral, para dar início à empresa, tornou ao sítio em busca dos escravos e do filho.

* * *

Caíra a tarde. Tarde de sertão, cheirosa e morna. Rústico pôr-de-sol, pincelado de tons agonizantes, veste maciamente os morros de violeta. Andam pelo ar dolências crepusculares. Nem um grito de ave. Nem um eco. Tudo ermo e plangente.

Fernandes de Abreu vai tocando o zaino pela estrada. A estrada, branca e torta, mergulha num trecho escuro de mato. O cavaleiro lá vai. Lá vai, trotando, esmado e descuidoso. E eis que entra no mato. Mas não caminha muitos passos: súbito, como se um macaco despencasse do alto, alguém, bruscamente, despenca dum galho de árvore. Cai sobre a garupa do cavalo. Cai, enleia o cavaleiro pelas costas, constringe-o, e, enrodado nele, derruba-o com violência ao chão.

— Cuidado, Cavichi!

— Não tenha susto, sinhô!

Cavichi, com Fernandes de Abreu por terra, subjugando-o mete-lhe os dois joelhos na arca do peito. João Leme, com o trabuco em punho, precipita-se entre ambos:

— Largue, Cavichi! Deixe o home por minha conta...

Cavichi, com um salto, pula agilmente para a beira da estrada. Ao pular, João Leme bota o trabuco no peito do sitiante e bate fogo à queima-roupa.

Fernandes de Abreu solta um uivo. E estrebucha, golfando sangue, com a chumbada grossa afincada no coração.

* * *

Não longe dali, à mesma hora, vai outra cena. Outra cena selvagem.

Lourenço Leme e os seus apaniguados, como xucro bando de caetetus, despenham-se sobre o sítio de Fernandes de Abreu. Despenham-se com alvoroto, por entre estrondos de bacamarte, numa desordenada sede de carnagem. Vai tudo raso com eles. Não há freios que os tolham. É um Deus nos acuda! Varam o sítio de ponta a ponta, matando e depredando. Sobretudo

matando. A carnificina é tremenda: escravos, peões, reses, tudo cai, trespassado, sob a fúria dum tiroteio satânico.

Só um homem, em meio à balroada, consegue escapar com vida àquele assalto: Antônio de Abreu. É o filho de Fernandes de Abreu.

Escapa sim. Mas nem sequer pode ficar em Itu: tem que fugir, a rédeas soltas, a caminho das Gerais, a fim de não ser trucidado pelos régulos. Pouco importa! Um dia ainda, nos caprichosos vaivéns da sorte, Antônio de Abreu há de aparecer de novo no destino tumultuoso dos Lemes...

NO POUSO DO CAMAPUÃ

O dia vai clareando.

É na barranca do rio. Grande ranchada de caboclos esparramada à beira dágua.

Há semanas já, ali, abicara grossa canoada de paulistas. São bandeirantes. Bandeirantes que vieran na estação seca. O rio, naquele instante, dá quase vau de tão minguado. E estão eles agora ali, descansando, à espera que a água engrosse para tocar de novo a monção. A canoada vai rumando a caminho de Cuiabá.

Numa das palhoças, àquela hora bruxuleante da manhã, desenrola-se rude página de drama. A página é vermelha e selvagem. Ei-la:

Dentro, no fundo do rancho, há uma indiazinha carijó. A índia tem o aspecto assustadó. Rente dela, apavorado e trêmulo, um rapazola ainda imberbe. À porta está João Leme. E João Leme, com a chibata em punho, pergunta borrascosamente a um bugre que aparece:

— Cavichi, adonde tá o teu irmão?

— Tá na beira do rio pescando mandi...

Sim, aquele homem é João Leme. Sim, aquela rancharia à beira dágua é a rancharia dos dois irmãos terríveis.

Vieram eles, com vasto bando, fugindo à fúria do povo. Mais do que à fúria do povo: vieram, agora, fugindo à corda da forca. A carnagem nas terras de Fernandes de Abreu foi, em Itu, a última proeza dos Lemes. Foi também, a última gota dágua: o povo, depois daquilo, clamou aos uivos por castigo. E a justiça afiou contra os régulos a sua garra sangrenta. Carecia, pois, fugir. Mas fugir para onde? Lourenço Leme não titubeou:

— Pra Cuiabá! O padre Queiroz não cansa de contá o poder de riqueza que há naquele sertão. Pois toca pra Cuiabá, moçada! Toca pro sertão no rasto de Pascoal Moreira.

Vai a seca em meio. Mas que importa? A seca não é estorvo para os Lemes. Lutadores impávidos, reúnem eles todos os seus homens. Reúnem todos os seus índios. Todos os seus escravos. Todos os seus sequazes. Formam, com horda assim numerosa, guapa e luzida monção. Metem-se em larga canoada pelo Anhembi abaixo (1).

E lá vão. Lá vão por entre os baixios e corredeiras. Por entre itapevas e paranás. Por entre saltos bruscos

(1)) Anhembi é o velho nome do Tietê.

e cachoeiras espumantes. Lá vão, trepados no dorso xucro das águas, através de sertões brutíssimos, realizando a viagem ciclópica, a viagem fabulosa, que hoje, passados trezentos anos, mal se acredita houvessem existido caboclos desprovidos, faltos de tudo, que tivessem a soberba coragem de a fazer com tão surpreendente naturalidade.

E os Lemes lá vão, rio abaixo...

Em cada pouso engrossa o bando. Engrossa com adventícios que surgem às chusmas. São adventícios de toda a laia. Ladrões. Homicidas. Escapos às justiças. Negros fugidos. Contrabandistas. Toda aquela escumalha humana, nascida do crime e da aventura, que fermentava no lodo colonial do Brasil.

Bem sabiam os Lemes que esta gente torva não podia passar às minas. Bem sabiam que o governador da Província, o Senhor Capitão-General Rodrigo César de Menezes, determinara, em nome do Rei, por bandos severíssimos, apregoados de vila em vila, que ninguém, reinol ou da terra, "havendo de fazer jornada a Cuyabá, não a faça sem licença minha e sem tirar paçaporte na Secretaria deste Governo". "Que pessoa alguma, de qualquer calidade que seja, possa levar a Cuyabá indios aldeiados sem licença minha". Nem podiam os donos de monção, sob ordem categórica, passar às minas "pessoas frausteiras, vindas das Geraes, pelo damno que têm

causado semelhantes pessôas nos descobrimentos". "Nem clerigos, sem licença minha, ainda que a tenham de seus prelados". "Nem mulheres bastardas, mal procedidas, ou mulatas forras, com o intuito de irem ás minas de Cuyabá".

Bem sabiam os Lemes que a desobediência a tais bandos custava enormemente caro. Custava corpo e bens: "sendo cabo de tropa ou branco, dez annos de degredo para Angolla e oitocentos mil réis para a Fazenda Real; sendo indio ou negro forro, o mesmo degredo e quatrocentos assoutes"...

Bem sabiam os régulos de tudo! Mas que importava aquilo? Que importavam tais bandos? Que importava o General Rodrigo César de Menezes? Que importava, para os Lemes, o Rei de Portugal? Nada! O sertão era de todos. E no sertão, lá no fundo da mataria, não é o rei de Portugal quem manda: é quem é mais homem. Por isso, desdenhosos, com impávida arrogância, arrastavam eles no seu séquito, apaniguando-os, toda a casta de frausteiros. Toda a casta de índios. E de clérigos. E de mamelucos. E de bastardas. E de bugras. De bugras, sobretudo — que chusma!

Com essas bugras, viviam os Leme vida desbragada e solta. Não queriam saber de outra qualidade de mulheres. Nem mesmo das filhas de João Cabral. E que é que fizeram, então, os dois caboclos às desventu-

radas moças raptadas? Lá deixaram-nas eles, por acinte, em Itu.

— O povo tá brabo por causa de vancês, siás donas! Pois o povo que guarde vancês pro que quisé...

E abandonaram-nas, com o ferrete da desonra, ao léu da sorte. Abandonaram-nas e, para a longa jornada, tomaram como companheiras duas índias criadas por eles mesmos. São elas agora as esposas dos dois Lemes.

A de João Leme é uma cobiçada bugrazinha carijó. Bugrazinha tentadora e nova. Tem feitiços selvagens e graças picantes. João Leme gosta dela. Gosta dela rudemente, com fogo, com toda a áspera bruteza do seu caráter. E é exatamente por causa dessa carijó que, naquela madrugada bruxuleante, se desenrola no rancho de João Leme vermelha página de drama.

* * *

— Cavichi, vá busca o teu irmão. Perciso dele já.

Cavichi é um índio manso. É o companheiro mais íntimo dos Lemes. O homem da maior confiança dos dois régulos.

Cavichi sai. E João Leme, raivoso, fitando a bugrazinha nos olhos:

— Então, dona, vancê anda me enganando c'o irmão do Cavichi?

A carijó quer protestar. Mas o caboclo ameaçante ergue a chibata:

— Feche a boca, traste! Nem uma palavra! Eu já sei de tudo.

E põe-se a andar pelo rancho. João Leme está iradíssimo. Tem o cenho franzido, o ar tempestuoso. Que irá acontecer? A índia olha-o com pavor. O rapazinho ao lado treme. Que irá acontecer?

Cavichi torna com o irmão. João Leme encara-o de frente:

— Vancê conhece esta carijó?

O irmão de Cavichi estremece.

— Conheço, sinhô!

— Vancê sabe que ela vive comigo?

— Sei, sinhô!

— E como é que vancê, leproso do diabo, sabendo disso, teve a imundice de se metê com ela?

— Eu, sinhô? Eu?

— Sim, vancê! E é bardado se fazê assim de inocente. Eu sei de tudo!

Colérico, rilhando os dentes:

— Sim, eu vi o que vancês foram fazê no capão de aroeira. Foi hoje, cedinho, antes do sol clareá. Vancês pra acobertá a coisa, levaram aquele rapazinho que tá ali. Ele ficô de fora, vigiando, pra dá o alarme. E van-

cês dois no mato, sozinhos, rolando no chão! Eu vi tudo, cambada do inferno! Mas agora vancês me pagam! E me pagam já. Eu vô mostrá a vancê, índio amardiçoado, quem é João Leme! E também a vancê, bugra excomungada. E também a vancê, trastinho ruim...

Vira-se imperioso para Cavichi:

— Cavichi, aperreie o trabuco! Liquide, primeiro, com estes dois: um balázio na bugra e um balázio no rapazinho. Deixe o outro por minha conta...

A ordem é um raio. Caem os três no chão, de joelhos. E é um clamor, e ais, e lágrimas, e desespero, e mãos postas:

— Sô João! Sô João, pelo amor de Deus! Sô João! Tenha dó, sô João!

— Não adianta choro nem berreiro. Vancês vão morrê. E morrê já! Podem se prepará pra vê Deus...

Aquela frase, porém, desperta no facínora, bruscamente, inesperada idéia. Ele tem, no momento, súbito rasgo de generosidade.

— Cavichi, espere um poco: adonde tá o padre Gil?

— No rancho, sinhô.

— Vá buscá o padre!

Cavichi sai à busca do padre. É o padre Gil Rodrigues, que viera com os Lemes na monção. O índio, minutos após, torna com o sacerdote. E João Leme apontando os sentenciados:

— Padre, confesse esses três!

O tom de voz é cortante. O padre cumpre a ordem sem discutir. Afasta-se uns passos, para o fundo do rancho, e ouve ali, em confissão, um a um, os três condenados. A confissão é rápida e sumária. Nada de consolações. Nada de palavras acarinhantes. O homem de Deus endurecera no sertão: absolve mecanicamente aqueles pobres diabos. Absolve e sai.

João Leme, frio e duro, ordena à bugra e ao rapazinho:

— De pé!

Os dois erguem-se.

— Cavichi, aperreie o trabuco!

O selvagem aperreia o trabuco. Há um relâmpago de silêncio. E João Leme, a voz firme:

— Fogo!

Dois estrondos, dois baques, dois cadáveres. E estão ali, exemplados, à altura da afronta, dois dos culpados.

Resta agora o irmão de Cavichi. Resta o grande criminoso. Que é que engendrou João Leme, esporeado no seu amor próprio, para punir o desaforado rival dos seus amores? Que é que inventou, para desafogar-se, o régulo ferido no seu ciúme? Um castigo feroz. Feroz e diabólico. Ei-lo:

Há no rancho um laço de couro, fino e longo, enrodilhado à parede. João Leme toma do laço.

— Cavichi, derrube esse home no chão.

Cavichi derruba o homem.

— Encordoe as duas pernas dele com este laço. Encordoe bem.

Cavichi encordoa as pernas do índio.

— Agora, amarre os braços dele por detrás. Amarre bem amarrado.

Cavichi amarra os braços do irmão. Trança-o de ataduras. O pobre diabo está tolhido de fazer o menor movimento. João Leme, com vagar, satanicamente, põe-se então a afiar no couro da bota a lapiana de folha larga. Cavichi vê aquilo com dor. Cavichi é um índio. É um bronco. Mas o índio não pode assistir, indiferente, ao trucidamento do irmão. E ousa, pela primeira vez, esta tímida palavra de súplica:

— Sinhô, perdoe ele...

— Perdoá?

— É meu irmão...

— Ah? É seu irmão? Pois eu vô dá uma lição no teu irmão. Qué vê? Ele vai agora aprendê, esse debochado, que a gente percisa respeitá a companheira do outro...

E principia, sem mais delongas, na carne viva do bugre, estranha e brutal operação. É operação dolorosíssima. O sertanista, com firmeza, dá o primeiro talho: o índio, golpeado, solta um urro de dor. Novo

golpe mais profundo: novo urro, mais frenético. E João Leme, imperturbável, com as mãos tintas de sangue, vai ali, a golpes de lapiana, castrando friamente o miserável que se estorce.

Finda a operação, o facínora, sem tremer, singelamente, atola o facão no vazio do bugre (1).

— Destranque agora o rancho, Cavichi. Alimpe a sangueira do chão!

E sai, com o coração desafogado, a respirar fora.

O índio, vendo-o sumir-se, não pôde reprimir a cólera. E baixo, cerrando o punho:

— Deixa está, sinhô! Deixa está...

Sombrio, botando o cadáver às costas, Cavichi destranca o rancho e alimpa a sangueira do chão.

* * *

No outro dia, ao romper do sol, a monção abala. Abala com alarido, festivamente, por entre descargas de mosquetes e estrondos de morteiro. A canoada, com a bandeira fincada na proa do batelão-mestre, ruma, com alegrias febrentas, a caminho das minas. Vai tudo, visionariamente, com a alma chuçada por cobiças ásperas, atrás do ouro famoso, do ouro longínquo — o ouro fatídico de Cuiabá.

(1) Rev. Inst. Vol. 35.

PASCOAL MOREIRA

O homem chocalha o buzo:

— Cento e sessenta oitavas de ouro, moçada! Quem topa? Cento e sessenta oitavas no azar!

E arremessa à mesa, com desprezo, quatro opulentas barras de cinco onças. E as barras de ouro tombam, amarelando, na peroba rústica. Os caboclos, em redor, vêem aquilo com assombro. Os olhos fuzilam-lhes.

— Cento e sessenta oitavas? Eta, coragel

E o homem, de pé, o buzo na mão:

— Quem topa?

Chocalha as conchas num desafio. Corre gente a ver a parada. Os sertanejos apinham-se em torno da mesa.

— Quem topa?

É na **casa-de-truque** do Quim Proença. É a mais famosa casa-de-truque de Cuiabá. A bodega naquela noite ferve. Os candeeiros de azeite fumegam. Há, no ar, grossas baforadas de fumo de rolo. A caboclada bebe com desenfreio. Bebe e joga. O jogo é de todo o preço. De toda a qualidade. E que mescla de gentes! Vê-se de tudo ali. Donos de lavras. Faiscadores. Mer-

cantes de fazendas secas. Paulistas barbaçudos vestidos de couro. Contrabandistas. Mulheres bastardas de vermelhão na cara. Negros forros com martelos de cachaça na mão. E tudo fala, e tudo ri, e tudo se emborracha numa suja confusão de raças e de línguas.

Em meio àquilo, na mesa do buzo, o homem desafia:

— Quem topa?

Cento e sessenta oitavas! Diabo, aquilo é dinheiro demais. Ninguém se atreve.

— Quem topa? Quem topa?

Nisto a porta se abre. Surge ruidoso magote de sertanistas. Entram com estrépito, rindo alto, o ar de festa.

Toda a bodega, ao vê-los, emudece de súbito. Cai rápido instante de silêncio. De silêncio e de respeito.

— Bás noite, moçada!

Logo, de todos os lados:

— Bás noite, sô João!

— Bás noite, sô Lourenço!

* * *

Aqueles homens são os Lemes. Aqueles homens, assim tão reverenciados, são os mesmos Lemes que haviam sacudido a capitania de São Paulo com o sanguinário estrépito de suas façanhas.

E agora, ali, no Cuiabá, naquelas remotas minas de ouro, são eles, depois de três anos — quem o havia de supor? — senhores respeitados e poderosos. São régulos temidos. São, além de tudo, os mineiros mais largamente ricos daquele sertão.

Sim, três anos nas minas... E, durante três anos, no entanto, quanta turbulência de novo! Quanto desrespeito! Conservaram eles, sem desfalecimentos, antes com mais requinte, o mesmo gênio insolente. O mesmo caráter intratável e torvo. Eram os mesmos atrevidos. E tornaram-se, com isso tudo, personalidades importantíssimas em Cuiabá. Como?

Quando chegaram, seguidos por aquela assustadora tribo de apaniguados, Pascoal Moreira, o descobridor das lavras, recebeu-os com marcada desconfiança. Pascoal Moreira, nesse momento, era o homem mais graduado de Cuiabá. E com razão.

Pascoal Moreira, com a sua bela audácia bandeirante, fora o afortunado descobridor das minas. O povo, como preito a façanha tão alta, elegera-o para GUARDA-MOR delas. Mas esse título de guarda-mor, que o povo assim arbitrariamente criara, não significava coisa alguma. Era apenas um título de emergência. O título verdadeiro, o que conferia autoridade, o que vinha do rei, era: REGENTE-MOR DAS MINAS.

Pascoal Moreira (pobre vaidadezinha!) sonhara ser o Regente-mor. Estava mesmo, lá consigo, absoluta-

mente certo de que o seria: o rei, de acordo com velha usança, provia sempre em tal cargo o descobridor da mina. E ele, Pascoal Moreira, que era velho e honrado, acatado e probo, ele, o descobridor, mais do que ninguém, tinha o legítimo direito de ser o Regente-mor de Cuiabá. E o paulista esperava, para mais dia, para menos dias, a chegada do almejado título compensador. O povo, por seu turno, ansiava por um Regente. As minas estavam sem governo legal. Era necessário que o rei, quanto antes, solucionasse o caso. Já havia mesmo, naquele fundo de sertão, muita gente a murmurar contra o bandeirante.

Foi quando os Lemes apareceram.

O descobridor não os viu com bons olhos. Aquela horda de caboclos, horda ameaçante e selvagem, desgostou-o. Pascoal Moreira teve susto. E falou-lhes ríspido:

— Vancês desembarquem. Mas desembarquem com intento de paz. Porque, a sê de outro modo, eu careço fazê justiça contra vancês.

Os Lemes não gostaram daquele trato. Tragaram a ameaça com azedume. Aquilo, assim de entrada, foi-lhes dura ferretoada na vaidade.

— Espere um poco, Pascoal Moreira! A gente há de se encontrá. Viajeiros samos, na estrada andamos...

E desembarcaram.

Eis que surge inesperado incidente. Os irmãos, aproveitando-o, botam logo as unhas de fora. Foi este o caso:

Os Lemes, naquela jornada de Cuiabá, toparam, no pouso do Rio Pardo, com o padre André de Queiroz. O padre descia para São Paulo, em monção, com muitas arrobas de ouro. Ali, segundo narra a crônica — "obrigaram elles ao dito André de Queiroz a que cazasse uma bastarda de Lourenço Leme com Domingos Fernandes, afirmando que, para isso, tinham já a devida licença do vigário"...

Em Cuiabá, porém, o vigário recusa-se a confirmar o casamento. Faz mais: anula-o. E anula-o publicamente! Ah, o desaforo foi como um golpe de chibata. Os Lemes, chuçados no seu orgulho, pulam, sanhudos, como um bando de caetetus.

— Cavichi, ajunte o povo!

Cavichi ajunta o povo. E a caterva, aquela ameaçante caterva de desordeiros e de matadores, lá vai, aos bufos, desagravar iradamente a honra menoscabada dos dois régulos. Cercam eles a casa do vigário. E, "com desmedido estrondo de armas", invadem-na, matam gente, chacinam — um fim de mundo!

O vigário, por milagre, consegue escapulir. E foge, são e salvo, mas aterrado, a caminho de São Paulo (1).

(1) Trata-se do padre Francisco Justo.

Pascoal Moreira era homem reto. Homem tosco, sim, mas limpo de coração. Aquela insolência, aquele ímpio desacato ao vigário, revoltou-o. O velho, mesmo sem força armada, não pôde sofrer calado tão despejados atrevimentos.

— Vancês desembarcaram aqui com semblante de paz. Mas vejo que era só semblante. Pois vancês não trouxeram senão guerra. Fiquem, porém, avisados: de hoje pra diante, eu não deixarei, sem castigo, os desaforos de vancês...

Não foi preciso mais. Os Lemes aceitaram prontamente o desafio:

— Cavichi, ajunte o povo!

E saem à rua como onças. Saem com o seu bando de facínoras. Que negra chusma de homens broncos! Vêm todos vestidos do couro, sapatorras de cordovão, botas altas de bezerro cru. Trazem armas de todo jeito — mosquetes de Biscaia, bacamartes, adagas, facões-de-mato, compridas lapianas de folha larga. Vem tudo, pela vila, em algazarra amedrontadora, por entre roncos de buzina e estrépitos de caixa. O povo, alvorotado, corre a ver o tropel. O povo entremeia-se à chusma. A chusma engrossa. Que é aquilo? A chusma engrossa mais. E engrossa ainda. Credo, que são aqueles estrépitos e roncos? E vêm todos. E acorre a vila inteira. Até que enfim, na praça do povoado, estaca a multidão

borrascosa. Os sertanejos, sem compreender, rodeiam estupefatos os Lemes. E Lourenço Leme, com o seu linguajar:

— Este arraiar de Cuiabá, moçada, tá sem governança. E não se pode, no sertão, vivê deste jeito. É perciso, pro sussego da vila, que o povo tenha Regente. É perciso tratá, hoje, de elegê o nosso chefe. Quem há de sê? Pascoal Moreira?

A caboclada ouve, surpresa, aquela fala. Ninguém responde. Cai súbito silêncio na praça. E Lourenço:

— Pascoal Moreira? Não! Esse já não serve mais. Tá velho. Tá velho e sem ânimo. Não é mais home pro sertão. Por isso, moçada, eu, co'a minha gente, digo aqui diante de vancês: Pascoal Moreira não há de sê o Regente de Cuiabá! E não há de sê, moçada, porque eu não deixo! Não há de sê porque eu, c'oa minha gente, boto esse home daqui pra fora, sendo perciso, a tiro de trabuco!

Os de Cuiabá escutam aquilo com espanto. Mas o espanto deles é passageiro. Aquela gente é ruim. Aquela gente é xucra demais para ter no peito sentimentos de gratidão. Por isso, com singular versatilidade, aceitam logo a idéia. Por que não? Os Lemes tinham razão: era preciso eleger o Regente. E eleger logo. As minas andavam ao deus-dará. Pascoal Moreira sem forças para as dominar. Que fazer? Aqueles mineiros, rebotalho humano, eram homens da pior casta. Uns,

realmente, andavam já desgostosos com Pascoal Moreira, outros, a maior parte, eram desordeiros por índole. E todos, ante aquela atitude desassombrada, masculinizada, dos dois régulos, cerram-se, contagiados, em torno dos Lemes.

Lourenço açulava-os:

— Quem há por aí, sem queixa de Pascoal Moreira? Quem já recebeu dele a paga que merece? Quem tá contente co'a repartição das lavras? Diga, moçada, quem tá contente co'a repartição das lavras?

O Leme toca o ponto dolorido. Ninguém, de fato, estava contente com a repartição das lavras. Os que receberam catas pobres, dessas que secam e morrem com as primeiras bateadas, andavam furiosos, encalacrados com as despesas, a praguejar contra o descobridor. Os que tinham catas de boa pinta, mas sem grande rendimento, ali estavam, à toa, vivendo mal e mal, a vociferar contra tão duro trabalho sem ganho compensador. Os que tinham catas gordas, de ouro fácil, esses, esporeados na cobiça, alucinados pelo frenesi da riqueza, reclamavam mais, queriam ainda outras, assaltando, com as armas na mão, pedaços de chão rico.

— Quem tá contente co'a repartição das lavras?

Não foi preciso mais. Aquele brado, firme e certeiro, deflagra na multidão temporal desatado. Rompe desordenado alarido. Vêm à tona, com fúria, velhos

despeitos sopitados. E velhas cóleras ocultas. E velhos agravos secretos. Tudo, num desabafo, concretiza-se no clamor uníssono:

— Abaixo Pascoal Moreira! Abaixo Pascoal Moreira!

— Eu perponho a vancês um home pra Regente das minas. É home de posição. É home de respeito. E é paulista como nós: Fernão Dias Falcão.

Nome bem achado! Fernão Dias Falcão fora desbravador como Pascoal Moreira. Era opulento. Era justo. Sabia manter nas minas, com autoridade, a sua destacada qualidade de homem de prol. E tinha, além disso, este predicado valioso: era cunhado dos Lemes.

— Que D. Fernão fique sendo o nosso Regente! E que fique o nosso Regente hoje! Toca, moçada, pra casa de D. Fernão...

Aquela massa bruta move-se. Ondula, aos gritos, em busca da casa de Fernão Dias. O sertanista ouve os amotinados. Vê a tempestade desencadeada. Que fazer? Perigoso esquivar-se à imposição da malta. Fernão Dias responde apenas:

— "Visto ser para o bem comum do povo, e para o serviço de S. Magestade, que Deus guarde, aceito o posto de Regente-mor" (1).

(1) "Esta mesma frase (lembra Toledo Piza muito a propósito nos seus comentários) foi, mutatis mutandis, usada um século depois por D. Pedro I ao ficar no Brasil a pedido dos patriotas".

Estrugem aclamações. Estrugem vivas. Reboam estrondos de mosquetes. Pascoal Moreira caiu! Morra Pascoal Moreira! Viva Fernão Dias Falcão!

Os Lemes podiam, não há dúvida, erguer a cabeça com insolente altanaria. Estava ganha a cartada: haviam esmagado o descobridor. Daí em diante, o poderio deles não teve mais freio. Tornaram-se os homens culminantes das minas. Ficaram poderosíssimos.

E é por isso que, naquela noite, ao entrarem na casa-de-truque de Quim Proença, toda aquela mescla vil, mescla de aventureiros e de jogadores, cala-se de súbito. E descobre-se com respeito.

— Bás noite, sô João!

— Bás noite, sô Lourenço!

* * *

Os Lemes, com os amigos, entram. Entram com grandes bulhas, rindo alto, o ar espaventoso de festa.

O homem do buzo, de pé, continua com arrogância.

— Quem topa?

Ninguém se atreve. Mas João Leme ouve o desafio. Não hesita: rompe logo, com desempeno, arrastando fragorosamente as esporas, em direitura à mesa do buzo.

— Quanto é a parada, moço?

— Cento e sessenta oitavas, sô João!

— No azar ou na sorte?

— No azar, sô João!

João Leme abre a sacola de couro. Escolhe duas grandes barras de dez onças. Arremessa-as com desdém à mesa:

— Pois é comigo, siô! Bata o buzo...

Parada de sensação! Os caboclos acodem, fremen-tes, a assistir ao desfecho do jogo. Que loucura! Nunca se vira, no Cuiabá, aposta tão grande! A casa-de-truque, diante da parada monstruosa, emudece de súbito. E o homem, no silêncio ansiado que se fez, bate o buzo na mesa. As conchas rolam: quatro pretas.

— Sorte!

O homem branqueia. Os lábios descoram-lhe. Perdera cento e sessenta oitavas de ouro! Mas João Leme, indiferente, sem a mais leve emoção, com um pequenino sorriso escarnecedor:

— Não vale a parada, moço! Dô mais um lanço de lambuja. Pode batê o buzo outra vez...

Aquela arrasadora generosidade desnorteia o par-ceiro. Que rasgo esmagador! A caboclada abre a boca, assombrada.

— Eta João Leme peitudo!

O homem recolhe as conchas. A bodega inteira espreme-se em roda dele. O momento é supremo. Cen-

to e sessenta oitavas de ouro! O jogador de buzo, opresso, tem os olhos chamejantes. E diante da mesa apinhada de gente, pálido, as mãos trêmulas, o homem arremessa de novo as conchas na peroba rústica. As conchas rolam: quatro brancas.

— Sorte!

A bodega freme, sacudida! Explodem exclamações de todos os lados. Barulheira e risos, alvoroço e gritos.

— Parada bicha, sô João!

João Leme arrecada o ouro da mesa. Enche as mãos com as barras amarelas. E lança, com desprezo, arrogante olhar à casa-de-truque. Ao lado, sentada num tamborete, uma **bastarda**, pequenina e trigueira, crava nele dois grandes olhos admirativos. Ela traz um vestido vermelho, de babados, enfeitado de rendas. O paulista chega-se rente dela. E ali, diante dos sertanejos pasmados, João Leme arremessa ao colo da cabocla, num esbanjado gesto de perdulário, as opulentas barras de ouro que lhe entupiam as mãos!

— É prá vancê, moça...

Sem mais palavra, impressionante, larga os parceiros do buzo. E vai, arrastando as esporas, com altanaria, beber cana na roda dos amigos.

SEBASTIÃO DO REGO

Aquela noite, na bodega do Quim Proença, é noite de festa para os Lemes. Noite de despedidas alegres. Na vida tormentosa dos dois paulistas, naquela vida de aventuras sanguinárias, soou, enfim, a hora suprema: vão eles, no dia seguinte, com sua larga canoada, tornar de novo a São Paulo. Tornar àquele mesmo São Paulo, donde, odiados e vilipendiados, fugindo às justiças, partiram à cata de ouro rumo de Cuiabá.

Três anos nas minas! Durante esse longo tempo, uma estrela propícia, estrela incompreensível, extraordinária, alumiara sem cessar, caprichosamente, o caminho torvo dos dois régulos. Foram eles bem-fadados em tudo. Bem-fadados nos atrevimentos. Bem-fadados nos crimes. Bem-fadados no amontoar das riquezas. Principalmente, acima de tudo, no amontoar das riquezas.

Quando chegaram, os Lemes instalaram-se a esmo nas lavras, tomaram para si, sem mais escolha, os primeiros chãos vagos que encontraram. Céus, que chãos prodigiosos! Eram catas sem rival, riquíssimas, donde o ouro jorrava em caudais.

— Que sorte!, bradava o povo, a boca aberta.

Sorte, sim. E que sorte persistente! Três anos a fio, nas minas, foi sempre assim. Conduzia-os a vareta mágica dum poderoso deus satânico. Onde, naqueles ribeirões agrestes, botavam eles a bateia, aí, com pasmo de toda a gente, topavam logo, como por encanto, grosso, inextinguível veio de ouro.

Assim, com esse fado radioso, cataram eles, em muito **tabuleiro** e em muita **grupiara**, as riquezas incontáveis com que se engrandeceram. Mandaram barretear, nas fundições reais, bruacas entupidas de folhetas e grãos. Quintaram arrobas e arrobas de metal fino! Tornaram-se opulentíssimos. Tornaram-se, sem dúvida, os mineiros mais rasgadamente opulentos de Mato Grosso.

"Chegados no Cuyabá em fins de 1719, diz a Nobiliarchia, "recolheram-se os Lemes a São Paulo em 1722. **Vieram muito abundantes e ricos em arrobas de ouro**". E o general Rodrigo César, escrevendo ao Viso-Rei, acentuava que "no Cuyabá se acham bastantes homens poderosos, sendo os mais dois irmãos Leme, tanto pelo respeito e séquito, como pela riqueza".

E o eco dessa riqueza reboou alto e longe.

Ah, os Lemes! A fama deles, rufada por mil caixas, lá foi, rio abaixo, como lenda. Desceu em todas as monções. Aportou em todos os pousos. Esparramou-se em todos os povoados. Um dia, enfim, reboou com

estrépito em São Paulo. E penetrou, levada por boca hábil, no Paço da Governança.

Essa boca hábil é a boca de um mercante em grosso. Homem de muitas falas. Astucioso e velhaco. Homem que tem o nome destacado numa curiosa página da História de São Paulo. Chama-se ele: Sebastião Fernandes do Rego.

* * *

Sebastião do Rego é português. Um português simpático, figura acolhedora, fundamente insinuante, com dois olhos vivos, buliçosos, que se não fixavam em ninguém. Veio da pátria, como tantos outros, tentar fortuna na América. Aventureiro e raposão, trouxe ele do Reino uma única idéia, uma só, mas resoluta e bem assente: enriquecer. Enriquecer de qualquer jeito. Custasse o que custasse!

Aqui, com sagacidade e ronha, foi Sebastião criando para si, aos poucos, finoriamente, bela e sólida situação de destaque. Conseguiu logo, para circundar-se de autoridade, ser nomeado Sargento-Mor das Milícias de São Paulo. Conseguirá, em breve, ser muito mais. Muitíssimo mais. Ele, nas suas evidências, aparecerá de novo nesta crônica. Neste momento, contudo, é apenas Sargento-Mor.

Governava a capitania, por esse tempo, um muito poderoso Senhor e muito ilustre General: Rodrigo Cé-

sar de Menezes. Sebastião do Rego, "sogeito de diabolicos enredos", conseguiu, com suas artimanhas, com as suas falas, com o seu mel, infiltrar-se avassaladoramente no ânimo do Governador. É ele, naquele instante, o amigo dileto de Rodrigo César. O amigo de todas as horas. O conselheiro dos casos mais secretos. "Era por este tempo, conta o velho Taques, muyto estimado e privado de Rodrigo Cesar um Sebastião Fernandes do Rego, natural de Portugal, homem de negocio e de grandes maximas para saber conservar a sua introducção". O próprio Rodrigo César dizia em carta ao Rei: "Senhor! Consegui, por Sebastião Fernandes do Rego, o confidente com quem eu aqui me declaro..."

Confidente do Governador! Não podia haver privança maior. Era, entre os circundadores do governo, a mais ambicionada etapa do valimento.

Ora, Sebastião do Rego, como toda a gente, ouvira dos viageiros o fascinante relato das riquezas dos Lemes. E pensara com amargor:

— Tanto ouro em mãos tão broncas! É pena...

E uma idéia brusca, idéia venenosa, picou-lhe de súbito o coração. Picou-lhe o coração como insidiosa cobra.

— Tanto ouro em mãos tão broncas! É pena...

Ficou sombrio o reinol. Mas foi um instante só. Desanuviou-se logo. Apressou-se apenas em mandar,

pela primeira canoada, grandes recados aduladores aos dois facínoras. Mandou-lhes, daí por diante, sem esmorecer, recados sobre recados. Tantos, tão insistentes, com tão ladinas raposias, que se introduziu, como um vencedor, na confiança rústica dos dois potentados. Entabularam negócios. Sebastião do Rego tornou-se o correspondente dos Lemes.

É, agora, quem lhes fornece, a cada monção, as fazendas secas de que eles carecem. Os régulos, com o seu largo séquito, são fregueses de peso. Com o seu muito ouro, fregueses valiosíssimos. Sebastião do Rego anda embevecido por eles. Preza-os como a ninguém. Mostra, pelos facínoras, em tudo o que pode, amizades certas e leais. E no Paço da Governança, a portas trancadas, abre-se o confidente com Rodrigo César em conselhos astutos:

— V. Excelência precisa acomodar-se com os Lemes, Senhor General! Eles são gente poderosa. Têm, no sertão, grande séquito de gente armada. Não seria mal que V. Excelência (isto sem quebra de autoridade, está visto!) procurasse um jeito de se entender com eles.

— Entender-me com os Lemes? Que está Vosmecê aí a dizer, Sebastião do Rego?

— Sim, General; entender-se V. Excelência com os Lemes! Buscar mesmo a amizade deles. Ter esses

homens, que são perigosos, ao lado de V. Excelência. Que custa escrever-se aos Lemes uma boa palavra? V. Excelência tem ordens do Rei para dar toda a ajuda aos desbravadores. Ora, não são eles desbravadores? E dos maiores? Não estão eles, no descobrirem minas, prestando ao Rei, e à Real Fazenda, serviços que não têm paga? Pense um pouco no que digo, Senhor General! Mande escrever aos régulos uma boa palavra.

Coincidência curiosa! Rodrigo César de Menezes, o muito alto general, e Sebastião Fernandes do Rego, o muito reles aventureiro, foram feitos um para o outro. Completavam-se. O destino os ajuntou com razão: eram duas velhaquíssimas raposas.

Rodrigo César, nas cartas ao Rei, pondo a alma a nu, mostrava, a cada passo, com a maior sem-cerimônia, as astúcias do seu caráter:

— "Costuma aproveitar mais, Senhor, **o modo e a industria** do que a mesma força".

Ou então:

— "Eu não me valeria jamais da força, pois conseguem mais **o modo, a prudência, a afabilidade**".

E ainda:

— "Não se deve obrar cousa alguma que não seja **por geito.** Conseguem mais **o modo e a industria,** que assim a experiencia mo tem mostrado..."

— "As cousas aqui andam vidrentas. Senhor! É preciso levar estas gentes com algum temperilho..."

Nada mais natural, portanto, que os conselhos de Sebastião do Rego tivessem encontrado eco no coração de Rodrigo César.

— Pense V. Excelência no que eu digo, General: mande escrever uma boa palavra aos Lemes! É preciso amaciar aqueles brutos. Amaciá-los com boas palavras e com bons tratos. Receber uma carta de V. Excelência, no Cuiabá, lá naqueles sertões brutos, é honra que não hão de desprezar. Pense um pouco, General... Mande escrever aos Lemes!

— Não é má política, não, Sebastião do Rego. Não é má política. Talvez Vosmecê tenha razão. É preciso, de fato, levar aqueles homens com algum temperilho...

Mas Rodrigo César hesitava. Não tinha ainda a despejada coragem de escrever aos criminosos. "Sim, não é má política... Não é, realmente, idéia fora de propósito. Vamos a ver, Sebastião do Rego. Vamos a ver!" E protelava.

No entanto, as notícias de Cuiabá, como dizia Rodrigo César, vinham cada vez mais "vidrentas". As monções, sem cessar, contavam coisas impressionantes.

— Os Lemes escorraçaram o Padre Justo a bala!

— Os Lemes, em plena igreja, na hora mesma da missa, rasgaram a boca de Pedro Leite até as orelhas!

— Os Lemes esfaquearam um índio do Juca Maciel!

— Os Lemes enforcaram quatro negros forros!

— Os Lemes atacaram as lavras de Tonho Bicudo!

— Os Lemes...

Sebastião do Rego ouvia as notícias. E corria logo, espavorido, ao Paço da Governança:

— Aquela gente é desrespeitadora, Senhor General! Aquela gente é perigosa! É preciso ter aquela gente do nosso lado! V. Excelência não despreze o meu aviso: mande uma boa palavra aos Lemes!

Eis que estoura a nova dos inesperados barulhos de Cuiabá: a derrubada de Pascoal Moreira e a eleição de Fernão Dias Falcão.

— Tudo insolência dos Lemes, contavam os da monção. Tudo alvoroto dos dois régulos!

Não havia mais que hesitar. Sebastião do Rego tinha razão: era preciso amaciar o pêlo daqueles brutos. E Rodrigo César (mais valem o modo e a indústria do que a mesma força...) mandou escrever aos Lemes a primeira carta. Que carta! Não se podia lisonjear mais nem melhor. Ei-la:

"PARA LOURENÇO LEME, nas minas de Cuyabá.

SUA MAGESTADE, que Deus guarde, foi servido nomear-me por Governador e Capitãm General desta Capitania e seu districto. Achei

logo que tomei posse deste governo, a noticia de que Vosmecê se achava nessa importante diligencia do novo descobrimento do Cuyabá. Espero que Vosmecê, pela sua intelligencia, pela sua actividade, pelo seu prestimo, comsiga ahi tudo o que dezeja. Tocando a Vosmecê a maior parte nesse grande serviço, Sua Magestade, que Deus guarde, não deixará por certo de remuneral-o. E eu não me recusarei de ser o procurador dos augmentos de Vosmecê, sendo credor delles as muytas prendas e merecimentos de Vosmecê.

Eu não me descuidarei de dar gosto a Vosmecê segurando-lhe que, em tudo o que for do seu augmento, me empregarei, para adiantal-o, com o maior zelo e com boa-vontade.

Deus guarde a Vosmecê por muytos annos. Maior servidor de Vosmecê e não menos empenhado nos seus augmentos. — RODRIGO CEZAR DE MENEZES" (1).

* * *

Tinha bem razão aquele melífluo Sebastião do Rego! Os Lemes receberam as letras aduladoras com

(1) Documentos Interessantes, vol. 20.

vaidades desmedidas. Receber uma carta do Governador era, em qualquer ocasião, motivo de legítimo orgulho. Mas receberem eles, os Lemes, os criminosos fugidos de São Paulo, receberem ali, no Cuiabá, uma carta como aquela, do próprio punho do General Rodrigo César de Menezes, era, na verdade, honra altíssima, honra que os lisonjeara até ao mais profundo da alma. Os Lemes deslumbraram-se.

Bem sabiam eles, contudo, que andava naquilo a mão apaziguadora e amiga de Sebastião do Rego. Mas isso não impedia que alardeassem, a uma boca, por todo o sertão:

— Bão home é aquele Generar Rodrigo César! Muito bão home...

* * *

O sucesso da carta agradou ao Governador. E ele continuou a política. Daí por diante, rara era o monção que não levasse aos facínoras uma palavra incensadora.

> *"Sua Magestade que Deus guarde, não deixará de premiar a Vosmecês e eu concorrerei para isso com tudo quanto puder, como o tempo lhes mostrará, fiado nas suas pessoas e na capacidade de Vosmecês* (1).

(1) Doc. Int.' vol. 12.

Ia agora carta sobre carta. Tudo assim. Tudo por esse diapasão. Os Lemes, lá no remoto Cuiabá, embasbacavam as gentes com aquela amizade envaidecedora. Mas Sebastião do Rego não se contentava só com as cartas. O fuinha, quando era amigo, era amigo dos bons. Não se satisfizera, o insaciável, com aquelas altas marcas de deferência. Queria ainda mais. Queria, para os Lemes, nova mercê. E essa, retumbante e definitiva: o perdão das culpas deles!

— V. Excelência precisa alcançar do Rei que perdoe as culpas dos Lemes. Haverá graça mais justa? O Rei tem perdoado a tanto criminoso! Pois que perdoe também aos dois irmãos que lá estão nas minas a trabalhar para a Coroa. V. Excelência já os traz vencidos com as cartas. E com o perdão? O que não farão eles por V. Excelência, General, se V. Excelência os premiar com essa mercê?

O caminho estava já desbravado. Rodrigo César, uma fortaleza rendida. Não foi, portanto, necessário grande esforço para o decidir. Partiram imediatamente cartas com pedidos ao Rei. No princípio, os pedidos eram relativamente vagos.

"Senhor:

"...naquellas minas se acham alguns criminosos, e como são os melhores sertanistas e os

que melhor sabem fazer aquelle serviço, penso ser de muyta conveniencia, para o serviço de Vossa Magestade, perdoar-lhes as culpas e os crimes..." (1).

Perdoar apenas as culpas? Não. Isso era pouco. Sebastião do Rego — homenzinho formidável! — já agora não se conformava unicamente com o perdão. Ia de afoiteza em afoiteza. Num crescendo. Paulistas como os Lemes, desbravadores tão desassombrados, de tantos e tão preciosos serviços ao Reino, tinham de ser não somente indultados, mas galardoados com a munificência real.

— Creia V. Excelência, Senhor General: é de muito boa tática que el-Rei, além do perdão, galardoe os Lemes!

Galardoar os Lemes... Seria crível? Sim, galardoá-los! A ousadia é tão cínica, tão impudente, que parecerá de certo invencionice. Pois não o é. Lá foi, pelo primeiro barco, às pressas, novo e insistente pedido:

"...*Vossa Magestade seja servido a attender o que expuz na ultima frota, por carta de* 12 *de Setembro, isto é, que V. M. contente*

(1) Doc. Int. vol. 22.

esses homens concedendo-lhes, alem do perdão de suas faltas, algumas mercês de habitos de Christo"... (1).

Hábitos de Cristo! A corte de Lisboa, diante de tão singulares pedidos, tão reiterados, quis saber ao certo quem eram esses extraordinários personagens. "Quem são afinal, esses homens? perguntavam do Reino. Quem são esses culpados por quem o Governador, em vez de castigo, solicita, tão vivamente, perdão e mercês?" O Governador enviou logo, com minúcias e detalhes, longa carta explicativa:

"...entre os nomeados se acham dois criminosos, Lourenço Leme e João Leme, os quaes, com o seu grande sequito, são os homens mais poderosos daquelle sertão; desse modo me pareceu precizo representar a Vossa Magestade que lhes conceda perdão dos seus crimes, assim como os honre com mercês e habitos"... (2).

Lá foi a carta para Portugal na frota de ouro. E, ao mesmo tempo, lá foi outra carta em monção, para os Lemes, muito instanciosa, pedindo-lhes que viessem a São Paulo apresentar-se a Rodrigo César a fim de trocarem parecer sobre as minas.

(1) Doc. Int. vol. 33.
(2) Doc. Int. vol. 32.

Os Lemes, por esse tempo, andavam já de lança em riste contra o Regente das lavras. A lua-de-mel com Fernão Dias Falcão durou pouco. Falcão, tal como aconteceu a Pascoal Moreira, não pôde tolerar os desrespeitos dos dois régulos. Admoestou-os. Desavieram-se. Regente e Lemes principiaram a viver a ferro e a fogo.

Foi quando chegou a carta do Governador.

Tornar a São Paulo? Apresentar-se a Rodrigo César? Os dois criminosos, lá no refúgio de Cuiabá, ao lerem tão perigoso convite, vacilaram um pouco. Hum... Aquilo não cheirava bem. Podia ser embuste. Mas Sebastião do Rego, o amigo certo, sossegou-os:

> *"...Vosmecês devem vir. Eu quero ter o gosto de hospedar a Vosmecês na minha casa. E, ao mesmo tempo, quero tambem ter o gosto de ver Vosmecês receberem das mãos do Governador as mercês que se lhes preparam e que Vosmecês bem merecem".*

A carta de Sebastião do Rego dissipou as desconfianças. Podiam ir sem medo, não havia dúvida! E o portador voltou com a resposta — que sim, que iriam breve, na monção das águas, logo que o rio principiasse a engrossar.

— Cavichi, ajunte o povo! Prepare a canoada.

Cavichi ajuntou o povo e preparou a canoada. Veio o mês das águas. O rio engrossou. E os Lemes — enfim! — marcaram o dia da viagem.

É por isso que, na casa-de-truque de Quim Proença, aquela noite, bebem eles com alarido. A noite é de despedidas alegres. Vão partir no outro dia. Vão receber das mãos do Governador as mercês que se lhes preparam e que eles bem merecem!

Na manhã seguinte, mal rompe o sol, a canoada entope-se de povo. Cavichi finca a bandeira na proa do batelão-mestre. É no batelão-mestre que vão as canastras de ouro. A bandeira tremula ao vento. Tremula com ufania, galhardamente, toda dourada de sol. Nisto, da canoa ponteira, estronda um tiro de trabuco. É o sinal.

Grande vozerio na barranca. Últimos abraços. Chapéus a abanarem. Adeuses.

— Té a volta, moçada!

A monção abala. Adeus, Cuiabá! Adeus minas de ouro! Adeus, sertão bruto! Até quando?

E os dois Lemes, os dois irmãos famigerados, partem ali, como vencedores, naquela frota de canoas, rumo do São Paulo longínquo.

O OURO DOS LEMES

— Ludovina, bote o castiçal de prata no cômodo dos hóspedes!

A casa de Sebastião do Rego burburinha. Que lufa-lufa! As negras, desde madrugada, andam correndo por salas e alcovas, açodadas, num frenesi de arear, de espanejar, de brunir. E está tudo arejado, tudo espanejado, tudo brunido. O casarão reluz, desgracioso e tosco, é verdade, mas limpo e claro, cheirando frescamente a alfazema.

Sebastião do Rego, naquele dia, metera-se pessoalmente na dobadoura. Era de ver-se o desassossego do velho rato! Ele acode a tudo. Providencia a tudo. Dá ordens. Vareja a cozinha. Entra cem vezes pelos quartos. Não esquece o menor detalhe.

— Ludovina, bote o castiçal de prata no cômodo dos hóspedes!

E corre à varanda. E cobre o canapé com peles de onça. E torna a varejar pela cozinha.

Ah, a cozinha! Vai por ela, ruidosamente, a afogueada trabalheira dos grandes dias — tachos de doce, massas, bolos, forminhas besuntadas, largo e furioso

bater de gemas e de claras de ovo. Esses aprestos, assim rasgados e bulhentos, tinham, bem se vê, um fim único: hospedar os Lemes. Hospedar os amigos do peito, os tão sonhados e tão preciosos amigos de Cuiabá, aqueles mesmos que, segundo anúncio da véspera, deveriam naquele dia, descer à porta acolhedora do fornecedor e correspondente.

* * *

São três horas da tarde. A cidadezinha de São Paulo, descuidosa e mole, dormita ao sol como um lagarto. Ninguém na rua. Tudo morto na vilota nascente.

De súbito, porém, quebra um molecote a pacatezá daquela dormência. Vem a correr, desabalado. Embarafusta-se pela casa de Sebastião do Rego.

— Tão vindo, sinhô!

— De que lado, moleque?

— Do lado de Parnaíba, sinhô! É um mundaréu de gente...

Sebastião lança um derradeiro olhar à casa. Dá os últimos retoques à sala-de-fora.

— Adonde está o jarrão de louça? Bote o jarrão em cima do bufete, siá Quitéria!

Eis que lá, ao longe, na dobra da rua, desponta a cavalhada dos Lemes. O bando é galhardo. Que ma-

gote de caboclos guapos! Todos de botas, chapelão de abas largas, trabuco enfiado no cintão de couro. À frente, rompendo a marcha, Lourenço Leme e João Leme. Vêm com desempeno. Vêm com aquele desgarre fácil de bons cavaleiros, muito soberbos, lenço ao pescoço, poncho enrolado na garupa. Montam dois ágeis cavalos libunos, bem irmãos, de crinas encaracoladas e manchas brancas no pé. E que rico arreame! Tudo luzindo, de couro de anta, com grandes relevos trabalhados. Os freios são de prata. Os estribos de prata. Os passadores de prata. E toda aquela prataria, lavrada e vistosa, faísca ao sol uma rude magnificência.

Atrás do bando, pachorrenta e lerda, uma tropilha de mulas. As mulas arquejam. Estão carregadas de canastras. São as canastras que vieram no batelão-mestre. Que carga pesada aquela!

E a cavalgada lá vem. Caminha sem pressa, num trote manso. Vai varando agora a rua mais povoada da terriola. E os moleques, ao vê-la:

— Os Lemes! Os Lemes!

A notícia é um relâmpago. Voa. A cidadezinha desperta, estremunhada. Alvoroça-se. Corre logo gente a ver. As janelas abrem-se com estrondo. E enchem-se.

— Os Lemes! Os Lemes!

A rua coalha-se de povo. São Paulo inteiro acorre. São Paulo inteiro está ali, a boca aberta, vendo passar os irmãos célebres. E os irmãos célebres, indiferentes àquele pasmo, lá vão, através da vila, marchando com altanaria, sem olhar a ninguém, enlurados no seu belo orgulho caboclo. Marcham até a casa de Sebastião do Rego.

Aí estacam.

O hospedeiro, à porta, risonho e festivo, abre os braços hospitaleiramente:

— Viva, sô Lourenço! Viva, sô João! Apeiem! A casa é pobre mas é de amigo.

Os caboclos apeiam. Acolhimento liberal e quente. Grandes e sacudidos apertos de mão.

— Vão entrando! Vão entrando! A casa é pobre mas é de amigo...

E assim, generosamente, cavalheirescamente, "Sebastião do Rego recebeu com real grandeza aos Lemes na sua chegada a São Paulo, hospedando-os, e, por este modo, contrahindo com elles uma muito particular amizade".

* * *

— Então, sô Lourenço, o rio muito cheio?

— Cheio e brabo! Mas vim vencendo com a ajuda de Deus...

— Vosmecês trouxeram muita canoada?

— Desta vez foi grande a frota, sô Sebastião. Veio muita bagage no comboio.

O Leme tira do bolso um cigarro de palha. E enquanto o afrouxa, com certo ar de reserva, diz baixo para o fuinha:

— Por causa dessa bagage, sô Sebastião, eu queria conversá uma palavra com vancê. Mas eu queria conversá apartado dos companhero...

— Às suas ordens, sô Lourenço! Venha daí comigo.

Erguem-se os dois. Vão até a sala contígua. E Lourenço, na sala contígua, confidencialmente:

— Sô Sebastião, o ouro tá aí. Veio nas cargas. Vancê, aqui na sua casa, tem lugar precatado?

Sebastião do Rego ilumina-se. Os seus olhinhos, argutos e móveis, fuzilam.

— Lugar precatado? Mas eu tenho aqui na minha casa uma fortaleza, sô Lourenço! É na alcova que dá para o meu quarto de dormir. Vosmecê quer ver? É uma alcova sem janelas, de taipa socada, com forro de cabriúva, a porta chapeada de ferro, e, além disso, com fechadura de segredo.

— Pois então vancê vai guardá o meu ouro, sô Sebastião! Eu vou botá na sua mão tudo o que truxe de Cuiabá. Veja bem: tudo o que truxe de Cuiabá! Vancê é amigo. Eu fio em vancê, sô Sebastião!

Tira duas grossas fumaradas do cigarrão de palha. Cospe no chão.

— Quero que vancê, com esse dinheiro, me encomende uma leva de negros de Angola, dos bãos. E também um carregamento de carga seca, bem sortido, que dê pra dois anos de sertão. Pr'o restante do ouro, que não é poco, vancê há de dá um emprego que sirva.

— Fique sossegado, sô Lourenço!

— Vancê é amigo, sô Sebastião. E eu fio em vancê...

Lourenço Leme levanta-se. Vai direito à janela. Na rua, em frente à casa, estaciona a tropilha das mulas.

— Cavichi, descarregue a tropa!

E para Sebastião do Rego:

— Então, sô Sebastião, vancê amostre ao bugre adonde vai aboletá a bagage!

Os negros descarregam a tropa.

Cavichi enche a alcova de canastras. Quantas? Sebastião do Rego põe-se a contá-las: uma, duas, três... cinco... oito... doze. Doze canastras! E todas abarrotadas de ouro. Doze! Era um mar de riqueza.

O astuto amigo dos Lemes cintila. Borbulham-lhe no coração alegrias queimantes. Aquele dia é o seu grande dia! E o fuinha, alagado de gosto, triunfalmente, tranca na alcova, precioso, o tesouro dos régulos. Bate, com cuidado, a porta chapeada. Dá várias voltas à fechadura de segredo. E sorri...

Que sorriso!

Sim, está ali, dentro daqueles couros rústicos, ao alcance de sua mão, a apregoada riqueza dos Lemes! Está ali o ouro de Cuiabá! O ouro fatídico, tinto de sangue, que os régulos haviam ajuntado nos lavras, durante três anos, à custa de mortes e de desgraças. Está tudo ali na alcova de ferro, trancado a chave, nas garras dele, Sebastião do Rego...

O raposão sorri, encantado...

E, com aquele sorrir, guarda a chave no bolso. Guarda-a cautelosamente.

Em seguida, muito cordial, com matreira amistosidade:

— Cavichi, meu amigo, tome lá: isto é para você...

Passa às mãos do índio cinco dobrões de ouro. O índio olha, esmagado! Fecha nas mãos, com ânsia, aquelas grossas, reluzentes moedas de ouro. Cinco dobrões! Cavichi está deslumbrado. Aquilo era um sonho. Nunca o bugre vira tanto dinheiro. Era riqueza que ele jamais, na vida, imaginara possuir. E um riso largo, riso baboso, aflora à boca apalermada do selvagem.

— Pra mim, sinhô?

— Para você, sim, senhor. E nada de espantos! Nem é preciso dizer que eu dei a você esse ouro. É coisa que fica entre nós. Quero apenas que você, de hoje em diante, fique sendo um bom amigo meu...

— É prô que quisé, sinhô!

E o índio esconde o ouro com sofreguidão.

* * *

Sebastião do Rego torna à sala-de-fora. A conversa com os hóspedes reata-se com quentura. Os assuntos borbotoam. São tudo casos de Cuiabá. Histórias de Pascoal Moreira. Dos Antunes Maciéis. De Antônio de Almeida Lara. De Fernão Dias Falcão. Súbito, batendo na testa, Sebastião do Rego exclama:

— É verdade, sô Lourenço! Vosmecês mandaram, de Sorocaba, buscar aqui um seguro de vida: que diabo foi aquilo?

— É isso mesmo, sô Sebastião, atalha Lourenço sisudamente. No Sorocaba, maginando mais, achei de acerto requerê um seguro de vida. A gente vem de Cuiabá a chamado. Não havia, pois, de assucedê coisa de maior. Mas a gente que tem corrido mundo, sô Sebastião, arreceia de tudo. Tem medo. Foi pra mode isso que, antes de entrá no povoado, pedi um seguro de vida. Palavra é palavra, mas escrito é sempre escrito.

— Pois aqui está ele comigo, sô Lourenço! O Governador — é bom que vosmecê saiba — não gostou muito dessa desconfiança. Mas eu, à custa de boas palavras, ajeitei a coisa. E cá está o papel.

Arranca do bolso largo pergaminho. E lê. Lê alto, palavra por palavra:

> *"Por me constar que Lourenço Leme e João Leme, pessoas principaes desta Capitania, se acham na villa de Sorocaba, e tendo eu necessidade de me entender com os mesmos sobre as minas de Cuyabá, ordeno aos ditos que venham á minha presença; para o que lhes dou, neste seguro, em nome de Sua Magestade, a segurança de que poderão vir, e tornar a voltar, podendo trazer os homens, as munições, e as armas que lhes forem necessarios para a sua guarda. RODRIGO CEZAR DE MENEZES"* (1)...

* * *

— É isso o que vosmecê queria, sô Lourenço?

— É!

* * *

Lourenço Leme, depois de meter o papel no bolso, escolhe, lentamente, outro cigarro de palha. Afrouxa-o. Bate fogo no isqueiro. Solta no ar grossa fumarada.

— Agora, sô Sebastião, eu perciso que vancê me oriente.

(1) Doc. Int. vol. 32.

— Mas eu não estou aqui para outra coisa, sô Lourenço, senão para servir a vosmecê! É só mandar.

Lourenço Leme chupa o cigarrão de palha. Solta nova, densa fumaçada. E pausadamente:

— Sô Sebastião, eu não quero mais bulha com gente do povoado. Quero agora, daqui pra diante, vivê sussegado, em paz com o mundo, sem mais tropelia. Por isso...

Tira nova, lenta fumaçada do cigarrão de palha.

— .../eu me alembrei de trazê do sertão, e ofertá pra cada home da governança, um presente das lavras, um presentinho quarqué, lembrança à toa que seja assim como um sinar de estima. Que pensa vancê disso, sô Sebastião?

— Bravos, sô Lourenço! É muito boa idéia. Vosmecê, com isso, vai ganhar as boas graças de todo o povoado. Muito boa idéia!

Lourenço vira-se então para o mano:

— João, mande o bugre arrastá pr'aqui a canastra encordoada.

João sai com a ordem. E torna com Cavichi. O índio desencordoa a canastra.

Então, diante do olhar ávido de Sebastião do Rego, surgem, amarelando, no bojo da canastra tosca, várias pilhas de barras de ouro. Que lindas barras! Eram de

ouro preto, ouro escolhido, de dez onças cada uma, toque de vinte e sete, pura e autêntica maravilha!

— Vancê reparta essa canastra pela governança, sô Sebastião! Reparta do jeito que vancê quisé...

Sebastião do Rego, deslumbrado, encara nos Lemes com pasmo. Sim, que singulares homens eram aqueles dois caboclos! Tinham eles, é bem verdade, aquele instinto sanguinário, aquela bronca têmpera de matadores. Mas tinham, a par disso, aqueles perdulários gestos de rajás. Tinham aqueles fascinadores lances de prodigalidade. Deitavam o ouro pela janela afora, desdenhosamente, com um esbanjamento romântico, impressionador, que os tornava acentuadamente fidalgos.

— Vancê arreparta as peças, sô Sebastião!

Sebastião agarra com volúpia naquelas pilhas. Conta-as. Mira-as. Depois, com o coração aos saltos, põe-se a distribuí-las entre as gentes do povoado:

— O desembargador Godinho Manso é o homem da justiça, sô Lourenço. É homem poderoso, a quem vosmecês precisam agradar. Para o desembargador Godinho, seis barras. Para Manuel do Prado, vereador, três barras; para Pedro Taques, vereador, outras três barras; para José de Góis, que é capitão-mor, três barras e a folheta grande; para Diogo de Toledo Lara...

Repartiu, com largueza, toda a canastra de ouro. E ali mesmo, naquela mesma hora, o fuinha, por negros de confiança, mandou a cada um a sua pilha (1).

* * *

— Sô Sebastião, veio também aí, prá vancê, uma coisica...

E Lourenço Leme ordena ao índio:

— Cavichi, traga o pacu!

Cavichi corre ao quarto dos hóspedes. E traz, rindo, grosseiro alforje de couro.

— Vancê há de sabê, sô Sebastião, que a coisa mais gabada, no Cuiabá, é peixe pacu. Quem não comeu peixe pacu, não sabe ainda o que é peixe. Vancê não se amofine comigo, sô Sebastião. A gente é home rústico e sem trato; por isso, não tendo outra coisa, eu assentei de trazê pra vancê um peixe pacu...

Cavichi abre o alforje. Mergulha a mão nas folhas secas que o entopem. Retira o pacu lá do fundo. E ergue, com ambos os braços, triunfalmente, o peixe no ar. Sebastião recua...

— Oh!

(1) Taques: "Praticaram ditos Lemes muytas acções de liberalidade, ou de desperdicio, repartindo barras e grandes folhetas de ouro bruto, com os magnatas da terra, ao só arbitrio do simulado amigo Sebastião Fernandes do Rego".

Repartiu, com largueza, toda a canastra de ouro. E ali mesmo, naquela mesma hora, o fuinha, por negros de confiança, mandou a cada um a sua pilha (1).

* * *

— Sô Sebastião, veio também aí, prá vancê, uma coisica...

E Lourenço Leme ordena ao índio:

— Cavichi, traga o pacu!

Cavichi corre ao quarto dos hóspedes. E traz, rindo, grosseiro alforje de couro.

— Vancê há de sabê, sô Sebastião, que a coisa mais gabada, no Cuiabá, é peixe pacu. Quem não comeu peixe pacu, não sabe ainda o que é peixe. Vancê não se amofine comigo, sô Sebastião. A gente é home rústico e sem trato; por isso, não tendo outra coisa, eu assentei de trazê pra vancê um peixe pacu...

Cavichi abre o alforje. Mergulha a mão nas folhas secas que o entopem. Retira o pacu lá do fundo. E ergue, com ambos os braços, triunfalmente, o peixe no ar. Sebastião recua...

— Oh!

(1) Taques: "Praticaram ditos Lemes muytas acções de liberalidade, ou de desperdicio, repartindo barras e grandes folhetas de ouro bruto, com os magnatas da terra, ao só arbitrio do simulado amigo Sebastião Fernandes do Rego".

Os dois caboclos entreolham-se, aturdidos. Estão lisonjeadíssimos! E com razão. Rodrigo César também sabia impressionar. Também tinha, a seu modo, para os momentos precisos, um peixezinho pacu, que deslumbrava.

A HORA RADIOSA

Sebastião Fernandes não dormira naquela noite. O ouro dos Lemes botara-lhe vertigens no coração. Fora como ferretoado em brasa na sua cobiça. Desvairara-o. Ah, o ouro de Cuiabá, aquele ouro tão apetecido, tão longamente sonhado, tombara, enfim, debaixo de suas mãos! Entrara pela sua casa adentro, de roldão, entupindo a alcova. Estavam agora ali, rente do seu quarto, do outro lado da parede. Doze canastras! Doze...

O raposão não podia dormir.

Foi por causa do ouro do Brasil que ele abandonara a pátria. Foi por causa desse ouro, os olhos fincados nesse ouro, que ele, aventureiro, cortara um dia as águas atlânticas, assanhadamente, em busca do Brasil. E esse ouro estava agora ali. Estava do outro lado da parede.

O raposão não podia dormir.

Aquilo era riqueza demais para gente bronca. Riqueza demais para rústicos daquele quilate. Não! As doze canastras não sairiam jamais da sua alcova. Não

escapariam mais da sua garra. Jamais! Aquelas canastras eram dele...

* * *

No outro dia, Sebastião do Rego levantou-se cedo. Levantou-se agitado. Tinha a cabeça pesada. Os olhos vermelhos. Correu ao Paço da Governança.

O Paço da Governança, como dizia o povo, era um correr de casas, formando um bloco, que o Reino comprara a Simão de Toledo Piza, na rua da Fundição. Ali se alojara Rodrigo César (1).

Naquela manhã, cedo ainda, o Governador e o confidente trancaram-se, a sós, numa das salas do Paço. Conversaram longamente. Muito longamente. Que é que conversaram? Ninguém o soube. Ao fim daqueles segredos, Sebastião do Rego dizia ao Governador, claro e firme:

— V. Excelência conseguiu enfim apanhá-los! Agora tem aí V. Excelência os ratos na ratoeira. Pois é lá possível, depois de tanta pena, abrir mão deles? Deixá-los escapulir?

Rodrigo César ouve, com boa sombra, a tremenda perfídia. Aceita-a. E por que não aceitá-la? Aqueles

(1) Hoje rua Floriano Peixoto. Rodrigo César foi o primeiro governador da Capitania que habitou a cidade de São Paulo. Os governadores precedentes tinham a sua residência em Barbacena, nas Gerais.

Lemes, os terríveis irmãos de Itu, não eram os homens mais desrespeitadores e os mais perigosos da Capitania? Não eram criminosos fugidos? Por que não aceitar a perfídia?

— V. Excelência os tem agora à mão. É a primeira vez — e talvez a última — que V. Excelência os pilha de jeito. Pois chegou a vez de dar uma lição a esses senhores régulos...

Bem sabia Rodrigo César que o amigo tinha razão. Era preciso, realmente, para firmar a autoridade do governo, dar uma lição em regra a esses dois turbulentos. Mas... E o Governador hesitava.

— Vamos a ver, Sebastião do Rego! Eu vou pensar... Mas olhe que as coisas andam vidrentas! Eu digo sempre: a indústria e o modo valem mais que a mesma força. É preciso obrar com jeito!

E Sebastião:

— Eu torno a repetir a V. Excelência, como amigo que sou, e dos firmes: quer V. Excelência liquidar com alvorotos e desordens no seu governo? Tem V. Excelência o remédio nas mãos: é aferrolhar os Lemes! É metê-los no cárcere. Presos, e com o processozinho das culpas às costas, deixá-los que lá se avenham com as justiças. E quer V. Excelência fazer a coisa com acerto? Nada de perder tempo, General: é tratar de prendê-los imediatamente. Pendê-los hoje!

— Hoje?

— E por que não? Hoje, quando eles cá vierem, tem V. Excelência a melhor ocasião para se apoderar deles...

— ?!

— É só mandar, sorrateiramente, na hora dos mimos e das honrarias, um troço de soldados cair de improviso sobre eles, agarrá-los, manietá-los, e, sem tirte nem guarte, trancafiar os dois melros na gaiola.

Rodrigo César não repele a impudente velhaquice do alvitre. Ao contrário! Escuta-a muito interessado.

— É isso tal qual o que eu deveria fazer, Sebastião do Rego! É isso, não há dúvida! Mas... Não sei.... Vamos a ver, vamos a ver... Eu vou refletir um pouco, Sebastião do Rego. Deixe os homens por minha conta. Eu vou refletir!

E põe-se a refletir.

Sebastião do Rego parte. Parte certo da execução do seu plano. Ah, ele conhecia bem o homem com que lidava! Ele conhecia bem as manhas e as astúcias do amigo! E pensava:

— Não há dúvida! Os Lemes estão no papo...

* * *

Dia fúlgido, tropical. No céu azul, muito alto, um grande sol de ouro, magnífico.

O Paço da Governança tem o ar engalanado dos grandes dias. Grosso bando de soldados formara à entrada. Os soldados estão armados. Com as suas fardas novas, o mosquete ao ombro, dão eles à Governança um aspecto pomposamente festivo.

Meio-dia.

Surgem os Lemes. Surgem acompanhados de Sebastião do Rego. O sargento-mor botara o uniforme de gala. E vem cintilante. Vem, orgulhoso e feliz, escudeirando compenetradamente os dois poderosos régulos de Cuiabá.

O povo apinha-se em frente ao Paço. Que mescla encardida! Crioulos, índios, negros, mulatos, cafuzos. Correu tudo, num assanhamento, a ver a chegada. Sim, era o grande acontecimento: a chegada dos dois Lemes, a chegada triunfal dos irmãos famigerados, à casa do Governador.

Os Lemes caminham pausadamente. Contrastam, pela rudeza do trajar, com a garridice da festa. Vêm, homens sem trato, com a sua tosca simplicidade de caboclos. Não se ataviam de tafularia alguma. São os mesmos ásperos sertanejos, rompedores de mato. Trazem o mesmo gibão de couro, os mesmos grosseiros calções de bombazina, as mesmas botas altas, o mesmo rústico chapelão de abas largas. Têm eles apenas aquele ar desdenhoso. Aquele ar arrogante de potentados.

E vêm caminhando devagar, silenciosos. Todos os olhares cravam-se neles. Quanto soldado! Quanto povo! A vaidade estufa-se-lhes. Tudo aquilo é para recebê-los? Receber a eles, os Lemes de Itu? Os Lemes que fugiram para Cuiabá, perseguidos pela Justiça, acuados como bichos?

— Sentido!

Soa o clarim. Rufam caixas com estrépito. O bando de soldados bate duro as espingardas no chão. Os dois Lemes estremecem. Corre-lhes pelo corpo estranho frêmito! Que honrarias! E entram, com o coração aos pulos, sob aqueles emocionadores movimentos da guarda, no Paço da Governança.

No paço, soldados por toda a parte. Os Lemes reparam naquilo.

— Quanta farda!

Gervásio Rebelo conduz os dois caboclos à sala do Governador. Abre, rasgadamente, a larga porta da entrada. Os dois Lemes, chocados, entreparam...

Rodrigo César de Menezes, o muito honrado Senhor Governador da Capitania de São Paulo, metido no seu vistoso uniforme de general, refulgente de dourados, espera grandiosamente os potentados de Cuiabá. Espera-os com estudado brilho. Está cercado de todo o senado da Câmara. Pelo Excelentíssimo Doutor Godinho Manso, ouvidor da Capitania. Pelos senhores de mais prol da vila. Por todos os oficiais da Governança.—

Os Lemes, desembaraçadamente, avançam pela sala adentro. Aquela grandeza não os intimida. Avançam, com as suas botas, com o seu gibão de couro, com o seu chapelão de abas largas, em direção ao General que os acolhe de pé. E os dois caboclos saúdam o Governador sem o mais leve constrangimento: estendem-lhe as mãos, aquelas mãos peludas de mateiros, com essa naturalidade fácil, tranqüila, de quem está tratando de igual para igual.

Sebastião do Rego contempla a cena com ânsia. O coração bate-lhe no peito descompassado. Quanto soldado por ali... Que irá acontecer? (1).

* * *

Terminada a audiência. Os Lemes vão-se retirar. Mas eis que Rodrigo César, inesperadamente, os retém com um gesto.

— Um instante ainda, senhores!

Calam-se todos. Faz-se fundo silêncio. O General, debaixo da curiosidade de todos, deixa tombar, uma por uma, estas palavras surpreendentes:

— Senhor Lourenço Leme e senhor João Leme! O Rei, em breve, há de premiar os serviços de Vosme-

(1) Taques: "Viram-se os Lemes em S. Paulo aplaudidos e obsequiados. Foram elles recebidos do General Cezar com todas as demonstrações de honra..."

cês com abundância de graças. Mas eu, no que posso, quero dar a Vosmecês, desde já, uma grande marca da minha estima: acabo de nomear a Vosmecê, Lourenço Leme, para o alto cargo de Provedor-mor dos Quintos Reais de Cuiabá; e a Vosmecê, João Leme, para o honroso posto de Sargento-mor daquelas minas...

Sebastião do Rego escuta aquilo, assombrado! E o General:

— Antes de nomear a Vosmecê, Lourenço Leme, para o cargo de Provedor-mor, quis ouvir, por se tratar de negócio relevante, o parecer do Senado e da Câmara, do Senhor Ouvidor e das pessoas de qualidade que aqui se acham. Tive o gosto de ver que, por voto unânime, todos estão de acordo com a minha escolha. E eu, para melhor honrar a Vosmecês, mandei lavrar um papel, assinado por todos, em que isso se declara.

Vira-se para o Secretário:

— Leia o papel, senhor Gervásio Leite!

> *"Sua Magestade, que Deus guarde, houve por bem nomear-me Governador desta Capitania, com residencia nesta villa de São Paulo, não só para promover a paz dos seus moradores, como tambem para tratar com o maior zelo da fazenda real, fazendo com que os paulistas continuem os seus descobrimentos de*

ouro, pois a experiência tem mostrado que só os Paulistas sabem desprezar os trabalhos do sertão, com os descobrimentos que têm feito com geral gloria de sua patria. E querendo eu, para cortar os abusos que têm havido na arrecadação dos quintos de el-Rei, nomear pessoa capaz para tal diligencia, convoquei o Dezembargador Manuel de Mello Godinho Manso, o Snr. Provedor da Corôa, o Snr. Provedor dos Quintos reaes desta villa, officiaes da Camara, deste anno e do passado, pessoas da Governança e da nobreza, e todos, uniformemente, acharam commigo muyto conveniente encarregar desta diligencia a Lourenço Leme da Silva. Assim fui servido prover dito Lourenço Leme no lugar de Provedor-Mór dos Quintos das Minas de Cuyabá, esperando que sua pessoa se haverá com zelo na arrecadação e cumprirá as obrigações della com os deveres do seu nascimento"... (1).

Provedor-mor dos Quintos Reais! Sebastião do Rego não quer acreditar no que ouve. Aquilo é sonho? É realidade? E, no seu aturdimento, mal escuta a voz do General que ordéna:

(1) Doc. Int. vol. 12.

— Leia, senhor Gervásio Leite, o que diz o Regimento sobre o cargo de Provedor-mor. Quero mostrar a Lourenço Leme, a fim de que ele bem a preze, a mercê que ora lhe faço.

O secretário lê:

"*Regimento, art.* 2.

"*É a occupação de Provedor dos Quintos Reaes de tanta estima e honra, que, para ella, só se elegem pessoas em que concorram prudencia, respeito, autoridade e nobreza. É a occupação em que se pode fazer a Sua Magestade o maior serviço e ser attendido com as honras e mercês com que Sua Real Grandeza costuma premiar os que lealmente o servem....*(1).

Sebastião do Rego arregala os olhos. Está esmagado. Pois então não se aferrolhavam os Lemes? Não se engaiolavam os criminosos? E em lugar de prisão, mercês! Cargos de confiança! Títulos! Sebastião não podia raciocinar. Aquilo estupidificara-o...

Os Lemes, embora rudes e xucros, compreendem bem a altura daquela mercê. E sorriem, iluminados,

(1) Doc. Int. vol. 12. "Regimento de Provedor dos Quintos Reaes, para Lourenço Leme".

Com razão! Têm eles, naquela hora, a sua hora bela e radiosa. A hora alucinante das suas vidas. De matadores e roubadores, de fugidos à Justiça, de facínoras e de réprobos, são eles ali, por aquele ato, guindados espaventosamente à altura de Provedor-mor dos Quintos: o cargo de maior confiança do Rei! Podiam bem sorrir, iluminados, o sorriso da altanaria. Aquilo era o supremo triunfo!

* * *

É quase noite. No quintal do Sargento-mor, junto à cocheira, há dois vultos que falam baixo. Ninguém os vê. Ninguém os ouve. Conversam muito confidencialmente. Um é Sebastião do Rego. O outro é Cavichi.

O bugre:

— ... matô ele, no Camapuã, com uma facada no vazio!

Sebastião:

— Não falemos mais no seu irmão, Cavichi. Vamos agora falar de outro negócio. Escute, Cavichi: eu preciso de você.

— É pro que quisé, sinhô!

— Os Lemes partem esta madrugada. Mas eu assentei com eles que você não vai. Fica aí, à mão, na minha casa, para qualquer serviço de confiança.

— É só mandá, sinhô!

— Você vai me fazer um serviço grande. E fazer já. É negócio muito urgente.

— Tô aqui é prá servi, sinhô!

E o Rego, apagando a voz, bem rente do bugre:

— Diga um pouco, Cavichi: você se lembra de Antônio de Abreu?

— O filho de Fernandes de Abreu? Daquele que João Leme matô com um balázio na arca do peito? Conheço muito bem! Ele fugiu prás Gerais. Tá no Tijuco...

— É esse mesmo, Cavichi! Pois bem. Você está vendo ali, na cocheira, aquele cavalo arreado? Pois você vai partir nele, já, para as Gerais...

— Às ordens, sinhô!

— Nas Gerais, ao chegar no Tijuco, você procure a Antônio de Abreu. Entregue esta carta nas mãos dele.

Tira uma carta do bolso. Passa-a ao índio.

— Guarde bem guardada!

— Não tenha susto, sinhô!

— Pois então, vamos! Não tem que esperar mais nada. É só tocar! O cavalo está arreado, com o poncho na garupa, e dois sapicoás de passoca.

O índio não vacila.

— É já, sinhô!

Vai à cocheira. Calça um par de esporas. Tira o cavalo fora. Monta. Chega as rosetas nas virilhas do animal.

— Té a volta, sinhô!

— Té a volta. Cavichi!

E o índio trota, na noite preta, sob um céu sem estrelas, a caminho das Gerais.

Vai buscar o único sobrevivente das mortandades de Itu.

O REGENTE-MOR DE CUIABÁ

Sebastião do Rego está em Itu. Viera trazer aos Lemes, de mão própria, o provimento das nomeações.

Naquele dia, àquela hora, o fuinha tem com os dois caboclos, secretamente, longa conferência.

— Que Vosmecê, Lourenço Leme, seja nomeado Provedor-mor, vá! É cargo à altura de vosmecê. Mas João Leme? João Leme, o irmão de Vosmecê, feito Sargento-mor de Cuiabá? Ah, isso não! Isso não é honrar a João Leme. Ao contrário! É fazer pouco nele...

Lourenço Leme não diz palavra. Bate fogo no isqueiro. Acende o cigarrão de palha. Tira grossa fumaçada.

— Quer Vosmecê que eu diga, como amigo, o que eu penso desse negócio? Pois oiça lá, sô Lourenço: eu, se fosse João Leme, não aceitava o posto de Sargento-mor.

Recusar o posto! Recusar o posto que o Governador havia concedido como alta mercê! Recusar, depois de publicamente galardoado, uma honraria que João Leme, o fugido à Justiça, jamais merecera! Não podia

haver maior atrevimento. Seria ferir de morte o orgulho de Rodrigo César. Sangrá-lo no ponto dolorido da vaidade.

— Pois oiça lá, sô Lourenço: eu, se fosse João Leme, não aceitava o posto!

Lourenço Leme escuta o conselho cínico. Não se surpreende. Tem mesmo, ao ouvi-lo, fugaz lampejo de alegria.

— Pois eu também já tinha arreparado nisso, sô Sebastião! Não magine que vancê tá dizendo novidade. Eu já tinha arreparado nisso! O João merece mais. Sargento-mor é poco...

Lourenço Leme era cidadela conhecida. O confidente do Governador sabia-lhe bem as brechas. Esgueirou-se por elas. E açulou:

— Pouco? Mas é pouquíssimo! João Leme merece muito mais! Lembre-se disto, sô Lourenço: foram Vosmecês que derrubaram Pascoal Moreira do posto de Regente-mor. Foram Vosmecês que botaram, no lugar dele, o Fernão Dias Falcão. Agora, depois que Vosmeces, com o poderio que têm, deram a quem bem quiseram a governança de Cuiabá, vai João Leme servir num cargo tão pequeno? Num cargo tão abaixo de Regente? Não é possível...

E fitando o Leme nos olhos:

— Diga aqui, sô Lourenço: Vosmecês estão contentes com Fernão Dias Falcão?

— Não!

— Nesse caso, escute um pouco, sô Lourenço! Vosmecês, toda a gente o sabe, não estão contentes com Fernão Dias Falcão. Vosmecês mesmo contaram-me, ainda hoje, os desaforos que o Regente já lhes anda fazendo nas minas. Não é verdade?

— É! Aquele home é ingrato. É home ruim.

— Pois é lá possível, ao depois disso, que João Leme vá servir na governança com ele? Vá receber e cumprir ordens de Fernão Dias?

Esta frase é como brusca estacada no orgulho do caboclo. Lourenço Leme ergue-se, ferido:

— Vancê tem razão, sô Sebastião! Recebê ordens de Fernão Dias? Capaz! Eu não vô mais de a par com aquela bisca. Nem que me matem!

Pensa um pouco.

— É... Vancê tá certo. É isso mesmo. O João não pode aceitá o posto.

E ali, sem mais razões, já decidido:

— Sô Sebastião, isso é negócio que a gente liquida logo. Qué sabê de uma coisa? Vancê escreva aí uma carta ao Governador e diga que o João deseste. Tá acabado!

Mas Sebastião não se alui. Queda-se pensativo uns instantes. E depois de refletir:

— Não, sô Lourenço! Não se pode ir desistindo assim, com duas palavras, de mercê como aquela. De-

sistir à toa, sem proveito nenhum, é falta de siso. Vamos dar um jeito melhor à coisa.

Chega-se rente a Lourenço.

— Eu, no lugar de Vosmecê, sabe o que fazia?

— ?

— Eu ia logo aos extremos. Isto é, eu exigia de Rodrigo César isto: a nomeação de João Leme para Regente-mor de Cuiabá! Eis aí, meu amigo. Regente-mor de Cuiabá! E haverá coisa mais justa? Em vez de Fernão Dias, que nada vale, seja nomeado João Leme, que tudo pode...

Lourenço Leme encara no fuinha com agrado. E o fuinha:

— Assim, com esse arranjo, veja a situação de Vosmecês: Lourenço Leme, Provedor-mor; João Leme, Regente-mor. Ficam Vosmecês os donos de Cuiabá!

Lourenço Leme não pode reprimir o gosto.

— Isso sim, sô Lourenço! Muito bem! Isso é que era perciso. Tudo mais é empaliação.

E Sebastião:

— Se Rodrigo César não quiser nomear a João Leme para Regente, João Leme recusará então o posto de Sargento-mor. Nesse caso, sô Lourenço, em consideração a seu irmão, vosmecê está também na obrigação de recusar o cargo de Provedor. Assim, desligados desses ofícios, poderão Vosmecês voltar desembaraçados

a Cuiabá. Em Cuiabá, com as suas gentes, estão Vosmecês com liberdade para intentar de novo o que bem entenderem. Até mesmo...

Abaixa a voz, insinuando, com um brilho áspero nos olhos:

— Até mesmo derrubar pelas armas a Fernão Dias como fizeram a Pascoal Moreira; e eleger, pelas mesmas armas, a João Leme...

— Não há dúvida, sô Sebastião! A idéia de vancê é o certo. O mais é perdê tempo. Vancê, sem mais demora, bote isso tudo em carta. E mande a carta por um próprio hoje mesmo, ao Generar...

* * *

De João Leme ao General Rodrigo César:

"Exmo. Snr. muyto meu Senhor:

Recebi a carta de V. Excellencia e por ela vejo a occupação em que V. Excellencia me emprega, que, sendo para mim grande honra, me parece comtudo não poder fazer aceitação da mercê que V. Excellencia me faz. Concorre para isso o motivo que, tendo sido eu que convoquei o povo das minas para que, na pessoa de Fernão Dias, se empregasse a Regen-

cia de Cuyabá, aconteee que o mesmo Fernão Dias ora exercita aquella occupação com grande desgosto dos povos, o que me obriga a ser contrario a elle. E como V. Excellencia não se dignasse de fazer a mim a honra dessa Regencia, me não ficou lugar de aceitar a que V. Excellencia me faz mercê.

Fico me aparelhando para seguir, com os meus homens, a minha jornada para o sertão...

Beija as mãos de V. Excellencia o menor creado e fiel cativo.

João Leme da Silva" (1).

De Lourenço Leme ao General Rodrigo César:

"*Exmo. Senhor, muyto meu Senhor.*

Recebi a carta de V. Excellencia, e, nella incluso, o provimento da Provedoria das Minas, de que rendo a V. Excellencia as graças de tão grande honra e mercê que me fez.

V. Excellencia não ignora que eu e o meu irmão fomos o instromento para que, na pessoa de Fernão Dias Falcão, se fizesse a eleição

(1) Doc. Int. vol. 12.

de Regente-mór, pois de outro modo não o seria. Entendemos, assim obrando, que elle poderia buscar o augmento da Real Fazenda e a Quietação dos povos. Vemos agora que saiu tudo ao contrario, pois a Real Fazenda perece e os povos andam molestados e embaraçados. Nestes termos queriamos que V. Excellencia provesse no dito posto de Fernão Dias outro homem qualquer. Ocorre que meu irmão João Leme da Silva se exime de ocupar a incumbencia de Sargento-mór. Eu acho-lhe em tudo razão, pois não parece justo que elle ocupe posto inferior. Sendo assim, me põe a mim da mesma sorte o não poder aceitar a Provedoria, mercê e honra que V. Excellencia me faz, porque em todas as materias quero dar gosto ao meu irmão — pois quem é irmão e companheiro para trabalhos, e molestias, e descobrimentos, o seja tambem para bonanças e honras.

Fico-me aparelhando com toda a pressa, para a jornada do sertão, etc., etc.

Lourenço Leme da Silva" (1).

Tudo nas duas cartas é semelhante. As mesmas palavras. O mesmo tom. A mesma agressiva recusa.

(1) Doc. Int. vol. 12.

Até a mesma ameaça "fico-me aparelhando com toda a presa para a jornada do sertão"... Essa semelhança denuncia claro a mão única que redigiu a ambas as cartas. Mas que importa isso? Sebastião do Rego é atrevido e cínico. Tão atrevido e cínico que, para melhor reforçar as ameaças dos Lemes, junta ainda às cartas uma palavra sua. Assim:

"Exmo. Snr.

"Muyto meu Senhor: Aqui cheguei com tres dias de viagem, entregando as cartas de V. Excia. aos Lemes. Lourenço Leme ficou muyto contente com o cargo de Provedor-mór dos quintos; não ficou, porem, João Leme com a patente de Sargento-mór. Por mais geito que nestes dois dias tenho buscado por todos os modos, não lhe acho algum de tomarem outra resolução senão o de hirem pelo rio abaixo. E dizem que Fernão Dias não ha de mais exercer a occupação de Regente, e só se satisfarão com que outrem *o seja.*

Itú, 30 de Maio de 1723, Beija os pés de V. Excia seu Revere.te Creado

Seb. Fern. do Rego".

O raposão faz partir as cartas às pressas. E, vendo-as partir, pensa com diabólica alegria:

— Rodrigo César não perdoa... É desaforo demais!

E sorri. Sorri um sorrisozinho triunfal:

— Os Lemes estão perdidos!

* * *

Dias depois, ao passar por Itu, vindo de S. Paulo, um soldado deixava às mãos do Sargento-mor meia dúzia de linhas. Eram de Gervásio Rebêlo. O Secretário do Governo informava a Sebastião do Rego, açodadamente, sobre as últimas notícias do Reino que vieram com a frota.

E terminava:

> *"Perdõe V. M.ce ser eu assim tão breve. Mas tenho de registrar, ainda hoje, alem de outros papeis, o Regimento que se mandou lavrar para João Leme levar ás minas, pois que elle é, de ora em deante, o Regente-mór de Cuyabá"...*

Sebastião do Rego empalidece. Não quer acreditar no que lê. João Leme, Regente? Não é possível! Torna a ler sôfrego. Não há dúvida! Lá está, com a

maior crueza, a notícia estuporante: "para João Leme levar ás minas, pois que elle é, de ora em deante, o Regente-mór de Cuyabá".

Regente? Mas o Governador enlouquecera! O trapaceiro podia esperar tudo, tudo, menos tão desnorteante capitulação de Rodrigo César. Não! Aquilo não podia ficar assim. Ah, jamais!

E nessa mesma noite, pretextando negócios, Sebastião parte, desabalado, a caminho de São Paulo.

— Regente-mor de Cuiabá! João Leme! que disparate... (1).

(1) O regimento da nomeação de João Leme como Regente de Cuiabá chegou realmente a ser registrado. Vide Doc. Int. vol. 12. E Rodrigo César, escrevendo ao Vice-Rei, dizia: "como se faz necessario encarregar a Regencia das minas a alguem, e como os moradores desta Capitania assentam que só esses dois homens são capazes de dita incumbencia... me resolvo a encarregar a um a regencia e a outro a provedoria". Doc. Int. vol. 12.

A ORDEM DO GOVERNADOR

— Não pode ser, senhor General! Os Lemes estão a abusar do coração de V. Excelência. João Leme, Regente de Cuiabá? Mas isso é um desaforo! V. Excelência de certo não há de tolerar que dois caboclos como aqueles tenham o atrevimento de pretender semelhante posto...

Sebastião do Rego tem o olhar incendiado. As palavras vêm-lhe torrenciosas. O gesto é incisivo e duro.

— Lourenço Leme feito Provedor-mor dos Quintos Reais! João Leme feito Regente-mor das minas de Cuiabá! Mas estes dois homens, com tamanho poderio, a que coisas não se atreverão? Não haverá mais força que possa refreá-los. Nem o Rei, nem V. Excelência, nem ninguém...

Rodrigo César:

— Mas eu tenho as mãos atadas, Sebastião do Rego! Os Lemes são perigosos. Têm com eles grande séquito de apaniguados. Que posso eu lá fazer? Onde vou eu achar soldados? Onde forças bastantes para castigar as insolências dos dois régulos?

— Senhor General! Um velho avô de V. Excelência, em Cafim, quando atacou e destroçou, sozinho, seis fustes de inimigos, o fez com tanta bravura que D. Manuel, de contente, o recebeu de braços abertos: "D. Vasco, bem se vê que sois César; isso é feito de César!" V. Excelência, que tem os seis fustes no seu brasão d'armas, por certo não vai hesitar diante de dois criminosos...

O Governador franze o cenho. Fixa dois olhos ásperos no fuinha. Mas o fuinha, que joga a sua grande cartada, fixa também, sem tremer, dois olhos ásperos no Governador. E rompe com firmeza:

— Quer V. Excelência, senhor General, dar cabo, definitivamente, dos dois régulos? Pois tem V. Excelência uma só coisa a fazer: ordenar. Ordene, General! Eu executarei, de maneira cabal, as ordens de V. Excelência.

E fechando o punho, com decisão:

— À fé de Sebastião do Rego, senhor Governador: eu liquidarei os dois facínoras!

Aquela convicção, assim violenta, impressiona fundo o Governador. Rodrigo César fita o confidente nos olhos. E com espanto:

— Vosmecê é capaz de liquidar os Lemes, sô Sebastião do Rego?

— Afirmo-o sob palavra de honra!

Rodrigo César começa a passear pela sala. Não diz palavra. Vai e vem, pensativo. Eis que estaca de repente:

— Diabo de situação a minha, Sebastião do Rego! Eu, depois desses cargos que dei aos Lemes, eu não posso, decentemente, mandar prendê-los sem um motivo aceitável.

— Está claro, Excelência! Mas quem mandará prendê-los não será o General Rodrigo César: será o juiz! Eu arranjo um mandado do desembargador.

— Não é fácil! Para Vosmecê arranjar um mandado, é preciso o processo. E onde está o processo? Vosmecê sabe que os Lemes saíram fugidos e, por isso, ainda não têm as culpas formadas. O processo deles requer tempo. Não é coisa que se faça assim do pé para a mão.

— É coisa que se faz numa noite, senhor General! O desembargador Godinho Manso — fique V. Excelência sossegado! — fará o processo, dará o mandado, irá em pessoa capturar os dois régulos!

— ?

— Sim, senhor General: eu garanto o desembargador, garanto o processo, garanto o mandado, garanto o filho de Fernandes de Abreu...

Rodrigo César arregala os olhos, surpreso:

— Quê? O filho de Fernandes de Abreu?

— Pois não! Mandei-o já buscar às Gerais. Está aí, à mão, na minha casa. Ele jura a queixa, hoje. Ouvem-se meia dúzia de bonifrates. Com isso, V. Excelência vê, temos, num abrir e fechar d'olhos, ordem de prisão e forca!

Estava tudo ao talho de foice. Tudo velhacamente preparado. Bastava uma palavra do Governador, bastava um gesto, e os Lemes estariam perdidos.

Rodrigo César não vacila:

— Nesse caso, Sebastião do Rego, tem Vosmecê a ordem: trate da prisão dos Lemes! Nada mais de temperilhos. É preciso, sim, senhor, acabar com a arrogância dos dois paulistas. Agora, dê no que der, vamos cortar o mal pela raiz: prisão e forca!

Os olhos do fuinha acendem-se. Perpassa neles febrento clarão. Prisão e forca! E, com a prisão e a forca, doze canastras de ouro! Doze...

* * *

Sebastião do Rego:

— Vossa Senhoria conhece este moço?

O desembargador Godinho Manso encara o moço.

— Não! Não conheço.

— Pois é filho de Fernandes de Abreu, Aquele que fugiu para as Gerais...

— Que diz Vosmecê?

Godinho Manso levanta-se, chocado. Encara de novo o moço.

— É este o filho do velho Abreu, compadre de João Cabral, que os Lemes assassinaram?

— Exatamente!

E Sebastião do Rego, diante do juiz, com estudada solenidade:

— Antônio de Abreu, senhor doutor desembargador, está aqui, na presença de Vossa Senhoria, como juiz e pai que é, para pedir justiça. Ele veio dar queixa de crime contra João Leme e Lourenço Leme, autores da morte de seu pai.

O desembargador cai das nuvens. Não pode comprender o que ouve. Bota em Sebastião do Rego dois olhos que fulguram, interrogativos.

— Queixa contra o Provedor-mor dos Quintos de el-Rei? Queixa contra o Regente-mor das minas de Cuiabá? Vosmecê, Sebastião do Rego, fala sério ou está a caçoar?

— Falo sério, senhor desembargador! Vossa Senhoria queira escutar-me.

Vira-se para Antônio de Abreu:

— Espere um pouco na outra sala, Antônio. Eu preciso conversar a sós com o doutor desembargador.

Sebastião do Rego conversa a sós com o desembargador. Diz claro, cruamente claro, ao que vem. Nada

de subterfúgios, nem de palavras encobertas. Aquilo, para Sebastião do Rego, é um negócio puro e simples. E ele discute o caso como um negócio. O trapaceiro sabia bem com quem tratava. Conhecia de perto o quilate do desembargador. Ah, se conhecia! Para pintá-lo ao vivo, é inútil buscar palavras. Basta uma carta dele. Carta escrita a Rodrigo César, ao fim dum desaguisado, que diz, numa pincelada incisiva, do teor do homem e da altanaria do juiz.

Ei-la:

"Exmo. Snr. Rodrigo Cezar de Menezes.

MEU AMO E SENHOR.

O dia de hoje é de confissão; e, se quem a faz com verdadeiro pesar, se restitue logo a graça, eu espero ver-me cêdo na de V. Excia.; pois, com toda a sinceridade, confesso que me pesa sumamente o haver ofendido. Para Deus um — tibi soli peccávi — *é o bastante; para V. Excia. o mesmo ha de bastar-me. Já não falla mais o ouvidor, mas sim a creatura de V. Excia., cujos pés, com o mais profundo respeito, beija..."* (1).

(1) Doc. Int. vol. 20.

Naquela noite, em casa do desembargador, o filho de Fernandes de Abreu jurou queixa de morte contra os Lemes. Em torno dessa queixa, vieram à tona, um por um, os crimes que "a lima do tempo havia gasto". Fez-se a devassa em sigilo. Reviveram-se todas as velhas culpas dos régulos. Desentulharam-se todos os velhos agravos. A prova resultou farta. A matéria fácil. O mandado de prisão tombou com naturalidade da pena do juiz. Foi tudo um relâmpago.

* * *

Certa manhã, por entre a curiosidade do povo, o senhor desembargador, Godinho Manso, em diligência do foro, abala em pessoa para Itu. Vai com o Regimento de São Paulo. Leva consigo — estranho acontecimento! — o Sargento-mor Sebastião do Rego. Leva também o índio Cavichi. Que é aquilo? O povo acorre, com alvoroço, a ver passar o inesperado séquito. Mas ninguém supeita, nem de leve, que vai ali, no cintão de couro de Sebastião do Rego, um papel extraordinário, papel secreto, com a rubrica do General Rodrigo César. O estranho papel contém esta ordem para o comandante das ordenanças de Itu:

"Caso se faça mister pôr cerco na casa onde se acham os regulos João Leme e Lourenço

Leme, faça-o em sigilo, de sorte que nem entre nem saia pessoa alguma. Espero que desempenhe as obrigações do emprego que occupa de modo que tenha eu de agradecer-lhe" (1).

(1) Doc. Int. vol. 12.

"...OU PARA MELHOR DIZER, DUAS FERAS"

Meia-noite.

A casa dos Lemes repousa, adormecida. Repousa das canseiras e dos júbilos dum serão bulhento. Naquela tarde, conta o velho Taques, "tratara-se do banquete para regalo dos hospedes". E o banquete correra copioso. O dia fora de festas largas. Largas, sim, como convinha a acontecimento de tanto vulto: o retorno de Sebastião do Rego com a patente de João Leme. Regente-mor de Cuiabá! Não podia haver triunfo maior. Nem contentamento mais justo.

Por isso, na tarde auspiciosa, todos os comparsas dos Lemes, gentes despolidas e rudes, arrancharam-se festivamente em torno à mesa de aroeira, "onde havia muita diversidade e abundancia de iguarias". Nela, por entre fortes alegrias caboclas, rolaram vinhos do Reino e canas velhas de Pernambuco.

Lourenço Leme, ao fim da comida, não se esqueceu do brinde galante:

— À saúde do General Rodrigo César!

Tocaram-se os copos com fragor. E bebeu-se por eles à saúde de Rodrigo César. Bebeu-se à farta.

* * *

Meia-noite.

Todos dormem. Silêncio fundo..

Um vulto esgueira-se, cauteloso, pela sala dos mosquetes. É Cavichi. O índio vai de arma em arma. Descarrega-as. Depois, arrancando do trabuco, chega-se à janela. Abre-a devagarinho.

Súbito, na quieteza da noite, estronda um tiro.

* * *

Lourenço Leme acorda, sobressaltado.

— Que diabo é isso?

Fora, rumor de vozes. Tumulto. Corre gente a ver o que é. O tumulto engrossa. Reboam estranhos estampidos. João Leme entra, aterrado, pelo quarto do irmão:

— Estamos cercados! A justiça tá aí!

Ambos precipitam-se à janela. Há soldados em frente à casa. Há gente forçando as portas. Reboam novos estampidos. E brados. E em meio aos estampidos e aos brados:

— Justiça! Justiça!

— Justiça do senhor Ouvidor!

Os parceiros dos Lemes correm exaltadamente à sala das armas. As armas estão descarregadas. O momento é de pânico. Urge romper o cerco. Fugir. Mas fugir como? Relampagueam facões de mato em muita mão peluda. E punhais. E lapianas largas. Os caboclos, como onças acuadas, atiram-se à luta.

E a luta desencadeia-se, corpo a corpo, brutal. A noite enche-se de uivos. E de imprecações. E de berros. E de disparos. Tremenda confusão! Os caboclos caem varados a tiro. Os soldados caem lanhados a facadas. Há sangue. Há cadáveres. Mas, como, sem armas, vencer os atacantes? Impossível! A escolta é numerosíssima. E a escolta, com o Ouvidor à frente, domina a refrega. Dominando-a, entra a soldadesca de roldão pela casa adentro. Corre por tudo. Esquadrinha tudo. Vasculha tudo.

— Adonde estão os Lemes?

Ninguém entende, ninguém viu, ninguém sabe explicar: mas a verdade é que os Lemes, em meio à confusão, desapareceram!

Godinho Manso e Sebastião do Rego entreolham-se com fúria. E por entredentes:

— Grandíssimos canalhas!

A fuga dos régulos desapontara fundamente os dois chefes. A captura deles, agora, não era apenas cumprir ordens: era ponto de honra.

Principiou então a caça aos Lemes.

Troços de caboclos, com o bacamarte ao ombro, partem sem delongas empós dos evadidos. Embocam-se em todas as saídas. Enveredam-se por todas as estradas. É necessário, mais do que nunca, agarrar os Lemes pela gorja. Que será da Capitania, e do sossego dos moradores, com os dois facínoras, depois daquilo, soltos por este mundo afora?

Godinho Manso é precavido. Trouxera, o manhoso, contra os Lemes, um **bando** aterrorizante do Governador. E manda logo, por todas as esquinas de Itu, o meirinho da vila a toque de caixa apregoar o bando. O povo, aos rufos do tambor, corre alvoroçadamente a ouvir. O meirinho lê, alto, com solenidade:

> *"Rodrigo Cezar de Menezes, etc.,... Por ser conveniente ao serviço de S. Magestade, que Deus guarde, prenderem-se os regulos Lourenço Leme e João Leme, afim de se evitarem as mortes, roubos e insolencias que os mesmos teem praticado nesta Capitania e nas Minas de Cuyabá, ordeno e mando que todos os moradores desta Capitania deem, toda a ajuda necessaria para serem presos ou mortos os ditos regulos. E todo aquelle que os matar, sendo branco será perdoado de qualquer crime que*

tiver e, não tendo crime, se lhe darão quatrocentos mil reis. A mesma quantia se dará a bastardo, indio ou preto forro; e, sendo preto escravo, ficará livre. Aquelles que derem ajuda os ditos regulos Lourenço e João Leme, concorrerão no crime de trahidores da coroa de El-Rei, assim como lhes serão confiscados todos os bens"...

A notícia é como relâmpago. Voa! Credo, os Lemes com a cabeça a prêmio? Quatrocentos mil-réis ao matador? Os dois irmãos, não há dúvida, estão perdidos. Quem haverá, depois do bando, com a coragem de dar ajuda a eles? Prisão, desterro, açoite, confisco de bens...

E o povo, a uma só voz:

— Estão perdidos!

* * *

Os Lemes na confusão da balroada conseguiram escapar. "João Leme, saltando os muros do quintal, rompeu o cerco que ali havia; Lourenço Leme, pela porta da rua, rompeu tambem por entre a multidão; e ambos conseguiram milagrosamente a liberdade sem damno contra tanta carga de espingardas que dispara-

vam. Só Lourenço Leme ficou levemente ferido em uma mão. Como se tinham elles levantado da cama em ceroulas, a mangas de camisa, deste mesmo geito, conseguiram a liberdade e, marchando a pé, e descalços, tomaram o rumo do sitio de Araritaguaba, onde chegaram ao romper do dia" (1).

O sítio era deles. Aí, com altanaria, mandaram tocar clarins e rufar tambores. Acorreu logo, das redondezas, grande magote de caboclos. Os Lemes refizeram o ânimo. Sim, ainda eram poderosos! Ainda eram senhores! Não estavam perdidos.

Então, por entre estrépitos, à frente dos seus homens, com a mesma dura arrogância de outrora, meteram-se eles pela mataria áspera de Araritaguaba. Iam, como um bando de queixadas, rompendo o emaranhado da paulama. O mato de Araritaguaba era densamente cerrado. Eles, para o varar, tinham que abrir custosas picadas a facão. E nas picadas, com acintosa petulância, deixavam, espetados em galhos de árvores, estranhos letreiros. Que diabos de letreiros seriam aqueles?

Cavichi foi o primeiro que topou com a trilha deles. Tornou logo ao Ouvidor com um dos letreiros na mão:

(1) Taques, Nob. Paul.

— Que é isso, Cavichi?

— Não sei, sinhô! Truxe pra vancê lê...

Então, com o maior pasmo, o Ouvidor Godinho Manso, naquelas letras largas, desconchavadas, quase garatujas, leu estas palavras assombrosamente temerárias:

— SE O OUVIDOR VIER, ESTE É O CAMINHO...

Palavra atrevida! Aquele letreiro dizia, com estridência, da impávida altanaria dos dois caboclos. Dizia, por si só, num traço fortíssimo, da xucra coragem dos dois régulos. Não trepidaram eles, acuados e perseguidos, em lançar pelas picadas, destemerosamente, aquele insólito pregão de desafio. "Se o Ouvidor vier, este é o caminho..."

Godinho Manso ergueu a luva:

— Pois o Ouvidor irá por aí, já que esse é o caminho...

E partiu, em pessoa, a dar caça aos régulos.

Fez-se em torno do mato um círculo de ferro. Começaram as batidas. Para dirigi-las havia na escolta um homem providencial: Cavichi. O Ouvidor não podia encontrar farejador mais hábil. O índio conhecia aqueles chãos a palmo. Conhecia a mata, árvore por árvore. E a mata foi talada dé ponta a ponta. Houve, dentro dela, muitos encontros sangrentos. Muita mortandade. Muitos prisioneiros.

Os Lemes defenderam-se com ferocidade. Defenderam-se o quanto puderam. Mas a defesa, ao cabo de semanas, tornou-se impossível: acabara-se a munição e acabaram-se os víveres.

Principiaram então as deserções.

* * *

D. Maria Chaves botava no forno a assadeira de broas, quando apareceu um caboclo barbudo na mangueira.

— Ó de casa!

— Vá entrando, siô!

O caboclo barbudo entra. A fazendeira vai recebê-lo na varanda. E o homem, a sós com ela:

— Bênção, madrinha!

A fazendeira encara o chegadiço com assombro. Reconhece-lhe a voz. E arregala os olhos.

— Nossa Senhora! Você?

Pega-o com brusqueza pelo braço. Empurra-o, apavorada, para a alcova ao lado:

— Você, João Leme?

— Madrinha, vancê não se amofine comigo. Varei o cerco, só Deus sabe como, e vim. Vim por uma noite só. Vancê me dê posada e um de-comê quarqué. Ama-

nhã, fique sussegada, amanhã, no clareá do dia, eu afundo no sertão!

A velha, agoniada, mira o afilhado, com terror. Aquela aparição aturde-a. Nossa Senhora! E a ordem do Governador? E a perda dos bens? E o desterro? E o processo? Jesus, que desgraça lhe caiu em casa!

— Não tenha susto, madrinha. É só por esta noite. Amanhã, no clareá do dia, eu afundo por esse sertão afora...

A fazendeira reflete. Súbito, uma idéia brota-lhe no cérebro. A idéia deve ser má. Os olhos dela brilham com extraordinário brilho.

— Bem, você fique. Eu vô vê a comida.

Sai. Tranca a porta. Corre, agitada e trêmula, ao paiol do milho.

— Belarmino!

Belarmino é o escravo de confiança. D. Maria Chaves conta-lhe, em duas palavras, a aparição do hóspede. O negro abre a boca desdentada:

— Credo em cruiz!

Mas a fazendeira tem a sua idéia. E ali, abafando a voz, dá ao negro uma ordem misteriosa. Misteriosa, mas enérgica.

— Fique sussegada, sinhá. É já!

O preto arreia às pressas um matungo. Monta. E parte a rédeas soltas.

* * *

D. Maria Chaves torna à cozinha. Guisa um de-comer ao afilhado. João Leme come com voracidade o que a madrinha lhe traz. Toma café. Puxa um cigarrão de palha. Põe-se a fumar. Como está cansado, fecha os olhos. E adormece...

Eis que acorda em sobressalto. Brusco pateado de cavalo ecoa de golpe na estrada. João Leme espia pela janela. Fora, numeroso bando de cavaleiros. Os cavaleiros varam pela mangueira adentro. À frente deles — João Leme empalidece! — vem trotando o Cavichi...

— Tô perdido! Madrinha me atraiçoô...

Não há que esperar. João Leme salta pela janela abaixo. E vai, dementado, numa disparada tonta, pelo pasto afora. Vendo-o, estruge um grito unânime:

— João Leme!

Grossa saraivada de tiros sacode o ar. Grãos de chumbo cravam-se no Leme. Não importa! Ele continua a correr. Os caboclos, então, com Cavichi à frente, lançam-se como loucos atrás do fugitivo. É uma corrida furiosa. Ao fim do pasto está o Tietê. João Leme alcança a barranca do rio. Atira-se à água. Nada com sofreguidão. Nada com a faca-de-mato enfiada nos dentes. Cavichi também alcança o rio. E atira-se à água.

E outros atiram-se à água. E vai tudo, às braçadas, cortando a correnteza que bufa, ao encalço do nadador que escapole. João Leme atinge a outra banda. "... por oculta providencia do céo o Leme não perdeu alli a vida porque, todo trespassado de balas, passou o rio a nado e saltou em terra na margem opposta". O régulo está exausto. Mas, ao reparar que Cavichi o persegue, atrás, renteando-o já, o Leme estaca, o busto inteiriçado, o olhar incendiado de cólera.

— Tu, índio amardiçoado!

E, ajuntando as últimas energias, num supremo esforço, João Leme enfrenta o bugre, impavidamente, num másculo gesto de desassombro. A luta entre ambos é um relâmpago. Cavichi não vacila: esbraseado, sem sofrear o ímpeto da carreira, atira-se dum salto, como onça, sobre o Leme que o espera com fúria. Atracam-se. E, ao atracarem-se, o bugre — ui! — sente a folha pontuda duma faca que lhe estraçalha a barriga. Cavichi recua, lanhado, com um uivo de dor. E rola, golfando sangue, com a faca atolada no ventre...

— Eu morro! Mas tu também morre, bugre lazarento...

Eis que os outros chegam. E de roldão, numerosíssimos, atiram-se impetuosamente contra João Leme. Agarram-no. Amordaçam-no.

— Agora vancê não escapa, sô João!

No mesmo dia, por entre vistoso acompanhamento de soldados, João Leme entra na Vila de Itu. Entra a pé. Traz, como os escravos criminosos, grilhões nas mãos e ferros no pescoço. O povo, com olhos pasmos, acorre a contemplar o potentado de ontem, o senhor riquíssimo das lavras de Cuiabá, o homem agraciado com o cargo mais alto das minas, que atravessa agora a vilazinha, em meio de soldados, acorrentado como um negro, coberto de achincalhes e de chufas. O povo vê também, sem compreender, à frente da marcha, a silhueta sinuosa e velhaca de Sebastião do Rego — o amigo, o conselheiro, o grande devotado dos Lemes!

* * *

Antemanhã. É dentro do mato bruto. Clarões frouxos põem na barra do céu vagos tons de ouro aguado. Nem um pio ainda. Nem um bater de asas. Tudo dorme.

Ali, no emaranhado dos troncos, há um velho rancho desmantelado. É o rancho de José Cardoso. Um homem, com passos fofos, passos de gato bravo, aproxima-se cautelosamente da ruína. Espia. Dentro, sobre o chão duro, está deitado um caboclo. O caboclo dormita. Tem o ar cansado, feições escaveiradas, barbas longas e hirsutas. O homem, ao dar com o caboclo, estremece. Os olhos faíscam-lhe.

— Quatrocentos mil-réis!

Arranca do trabuco e arma o gatilho devagarinho. Acerta a pontaria. Mira bem o coração.

Estronda um tiro.

O homem acorda estremunhado. E com o pavor nos olhos tenta, num supremo esforço, soerguer o corpo baleado. Esforço inútil! O corpo torna a cair brusco no chão.

O caboclo não diz ai! Nem sequer se mexe. Apenas, pela arca do peito, brotam fios de sangue nos buracos da chumbada: Lourenço Leme acaba de morrer ali.

O batedor de mato ganhara quatrocentos mil-réis.

* * *

Eis a tumultuosa e verídica história dos irmãos Leme. Essa história, que todas as crônicas da época registram, remata-a Pedro Taques assim:

"João Leme, logo após, foi remettido para a Bahia onde mandou-lhe a Relação do Estado fazer-lhe autos summarios. Estando as culpas provadas, e não allegando o réo cousa relevante em sua defesa, condemnaram-no á morte: foi degolado em alto cadafalso no mesmo anno de 1723. Acabou João Leme da Silva com demonstrações de um verdadeiro catholico, o que deu muyta consolação aos padres jezuitas que lhe assistiram".

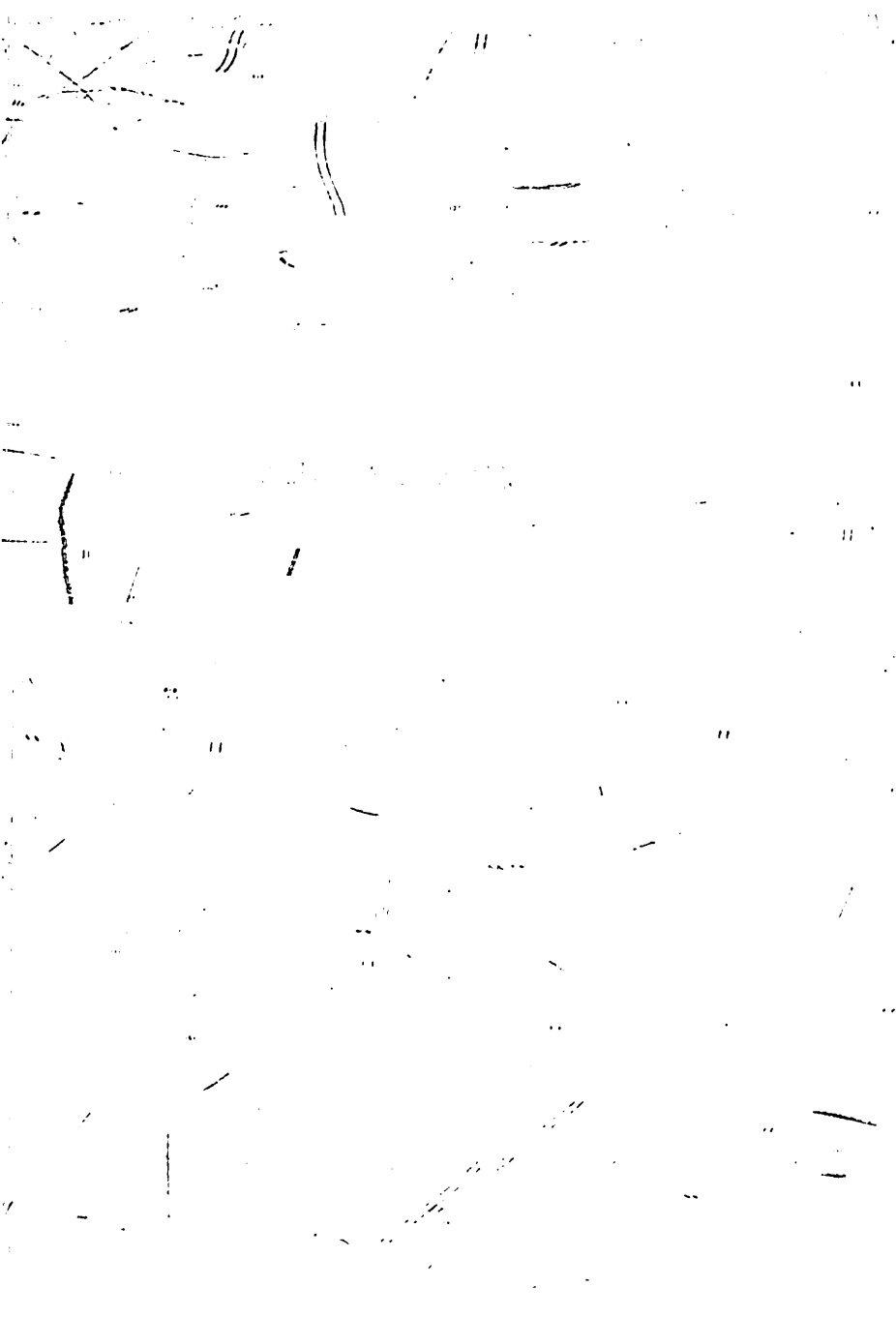
Rodrigo César de Menezes, no mesmo ano, dava conta a el-Rei, pela frota do ouro, do fim trágico dos dois famosos paulistas:

> *"Senhor: — Em o novo descobrimento das Minas de Cuyabá assistiam dois homens, irmãos, ou para melhor dizer, duas feras..."*

Segunda Parte:

SEBASTIÃO FERNANDES DO REGO

544 OITAVAS DE OURO



— Senhor Gervásio!

Gervásio Leite Rebelo, o Secretário da Governança, acode prestes à voz de Rodrigo César.

— Vossa Excelência chamou?

— Diga aqui, senhor Gervásio, adonde está a portaria que eu ordenei se fizesse, nomeando Sebastião Fernandes do Rego para o cargo de Provedor dos quintos na Vila de Itu?

— Já está lavrada, General!

Abre a pasta de couro. Retira larga folha de papel. Rodrigo César corre os olhos sobre aquelas letras:

> *"tendo em atenção os requezitos, e mais partes que concorrem na pessoa do Sargento-Mór Sebastião do Rego, hei por bem nomeal-o na occupação de Provedor, na villa de Outú, para a cobrança dos quintos reaes..."*

Rodrigo César bota a sua grossa assinatura no papel.

Espantoso homem aquele Sebastião do Rego! Espantoso, não há dúvida. Com a sua figura acolhedora,

fundamente insinuante, com dois olhos vivos, buliçosos, que se não fixavam em ninguém, Sebastião do Rego deslizou manhosamente pela Capitania, nesse febrento e tumultuoso período do ouro, como "um sujeito macio, serviçal, lisonjeiro, desses que nunca ofendem, desses que nunca incomodam, cuja palavra e cujo gesto jamais se cansam na arte de agradar". (1).

Tivera ele, com aquela sua estampa impressionadora, um destino na verdade surpreendedor. Aportara ao Brasil muito obscuramente. Ninguém imaginaria, vendo-o tão apagado, que estava ali, dentro daquele português sem relevo, que a caravela arremessara à praia, uma alma de ferro, fria, dura, calculista e, acima de tudo, esbraseada por ambições desmedidas e ganâncias insopitáveis. Que sina curiosa a desse emigrante! Tenacíssimo, com as suas habilidades aduladoras, tornou-se ele, com o correr dos anos, personagem de subido destaque na Província. Foi amigo de todos os poderosos. Alçou-se a todas as posições a que quis alçar-se: desde Sargento-mor das milícias até Provedor-mor dos quintos reais. Provedor-mor dos quintos reais! Onde, na Capitania, emprego mais honroso? Mas as honras não foram jamais o seu fim. Não o seduziam. Seduzia-o unicamente o dinheiro. Por isso, à custa dos postos que ocupou, à custa daquelas amizades altas, con-

(1) W. Luiz, "Capitania de São Paulo".

seguiu o finório ser o "arrematante dos dizimos do povoado", em São Paulo, que era o contrato mais rendoso da terra. Conseguiu ser o "arrematante dos dizimos de Cuiabá", negócio muitíssimo cobiçado, de renda pingue. Conseguiu, ainda mais, ser o arrematante de várias "passagens de rios" que eram marosca de lucro certo. Enriqueceu. Tornou-se tão abastado que "este trienio — confessava ele, em carta — este trienio arrematei, sozinho, os dizimos do povoado de São Paulo e os dizimos de Cuyabá por cento e vinte mil cruzados; assim como arrematei todas as passagens, com acrescimo, como o foi a de Guaratinguetá, em mais de setecentos mil réis..."

Cento e vinte mil cruzados! Em 1725, na rude provinciazinha de S. Paulo, ter, sozinho, cento e vinte mil cruzados para arrematar os dízimos de Cuiabá e, ao mesmo tempo, ter dinheiro para, sozinho, arrematar todas as demais passagens, com acréscimo de quatrocentos mil-réis, já era ser, além de atrevido negocista, um Creso colonial de marcada opulência.

Pois não se contentou o ricaço. Não se saciou em ser o arrematante de tanto manancial de ouro. Quis mais. E pediu (com surpresa de toda a gente), pediu como única recompensa ao grande serviço que prestara no caso dos Lemes, que, além de Provedor-mor dos quintos reais em São Paulo, lhe fosse dado este cargo pequeno: Provedor dos quintos de Itu.

Pediu e conseguiu.

— Senhor Gervásio, mande entregar a provisão de Sebastião do Rego!

O soldado da guarda, no mesmo dia, entregou ao Sargento-mor um envelope largo, muito lacrado, com o sinete do Governador gravado nas umbreias. E Sebastião Fernandes do Rego, enfiando carinhosamente a provisão na sacola de couro, partiu, na manhã seguinte, Provedor dos quintos, a caminho de Itu.

* * *

— Em que pé está o seqüestro dos Lemes, senhor Gervásio?

— Não sei informar, General. A papelada anda correndo por aí. Mas o Ouvidor, até hoje, não mandou notícia certa do que há.

Rodrigo César não pôde reprimir o seu amuo.

— Este senhor Ouvidor! Tratantíssimo biltre! Não, senhor Gervásio, não é possível continuarmos assim...

Extraordinária a desavença entre o Governador e o Ouvidor! Rodrigo César, logo após a tragédia dos Lemes, gabava ao Rei, com louvores rasgados, os serviços de Godinho Manso: "Nessa ocasião teve uma grande parte o Ouvidor, que se houve com muito valor e zelo, e assim me parece o devo pôr na Real presença

de Vossa Magestade, pois elle se faz digno de toda a atenção..."

Um dia, com espanto de São Paulo, o Governador e o Ouvidor desavieram-se. Desavieram-se com violência. Por quê? Por esta razão de suma gravidade: o Ouvidor, em vez de andar vestido de beca, andava vestido, à militar, de bastão e espada. Era, como se vê, falta horrenda! O Governador admoestou-o. O Ouvidor respondeu. Azedaram-se. Azedaram-se seriamente. E agora, com pasmo da Capitania, viviam ambos a ferro e a fogo. Trocavam-se cartas malcriadíssimas. "Tenho em mãos, senhor Ouvidor, varios requerimentos que a Camara desta Cidade, republicanos e povo, me têm feito sobre o procedimento de V. S.". "São universaes os clamores contra V. S.". "Concorre V. S. para o desassocego da terra por todos quantos caminhos ha indignos do lugar que V. S. ocupa". Era tudo nesse tom. Tudo terrivelmente desaforado.

— Mas eu preciso saber em que pé anda o processo, senhor Gervásio! Foram, afinal, ou não foram, arrecadados os bens dos Lemes?

— É como digo a V. Excia.: o senhor Ouvidor, até hoje, nada comunicou. Mas eu ouvi dizer que já foram seqüestrados uns pedaços de terra, dois ou três escravos, índios e o pouco que por aí se encontrou. No entanto...

O secretário faz uma pequena pausa.

— No entanto, V. Excelência há de saber que os Lemes, ao virem de Cuiabá, trouxeram grande cópia de ouro. Dizem que era coisa aí para mais de doze canastras.

— Doze?

— Doze canastras... Os Lemes entregaram essa batelada de ouro nas mãos de Sebastião do Rego. Pediram ao Sargento-mor para guardá-lo em lugar precatado.

Rodrigo César conhecia bem o secretário. Sabia-o incapaz duma falsidade. Gervásio Leite Rebelo era o mais antigo servidor da Governança. E o mais fiel. Homem probo, a palavra e o conselho dele haviam sido, durante anos, imprescindíveis a todos os Governadores da Capitania. Rodrigo César dizia dele ao Rei: "Senhor! Gervasio Leite Rebelo ha perto de treze annos tem servido na Governança com tal verdade, segredo, limpeza de mãos, pratica, actividade, e, alem disso, com tal zelo da Fazenda Real, que he digno do mayor louvor".

Foi, portanto, com chocante surpresa que Rodrigo César ouviu do secretário aquela declaração categórica. E não pôde reprimir a sua admiração:

— Os Lemes entregaram doze canastras de ouro a Sebastião do Rego?

— Pois não, General... a Sebastião do Rego! O Cavichi, que era o índio da confiança deles, contou-me, por miúdo, como se fez a entrega desse ouro. E o próprio Ouvidor, mais duma vez, afiançou-me a verdade do caso.

— O Ouvidor?

— O Ouvidor Godinho Manso! Afiançou-me, ele próprio, que os Lemes botaram as doze canastras de ouro nas mãos do Sargento-mor...

Rodrigo César principia a passear pela sala. Não diz palavra. Doze canastras? O General estava assombrado. E o secretário:

— V. Excelência ordenou o seqüestro dos bens dos Lemes. Que é que se seqüestrou? Ao que dizem, uns pedaços de terra, dois ou três negros. E é tudo. Mas o principal, que é o ouro, esse desapareceu. Onde foi parar a riqueza dos Lemes? Onde foi parar aquele tão falado ouro de Cuiabá? Ninguém sabe! Ou antes, Sebastião do Rego sabe...

Rodrigo César franze o cenho. E áspero:

— Senhor Gervásio! Vosmecê oficie imediatamente ao Ouvidor para que me mande, com urgência, o rol dos bens seqüestrados. Quero ver o que há de certo nesse processo. E Vosmecê, de hoje em diante, meta-se pessoalmente a deslindar esse negócio. Tome a coisa a peito. Trate de arrecadar, de qualquer jeito, o ouro

de Cuiabá. Ouviu bem, senhor Gervásio? Trate de arrecadar, de qualquer jeito, custe o que custar, o ouro de Cuiabá!

* * *

O Ouvidor recebeu um ofício seco. Seco e autoritário:

> *"Remeter-me-ha V. M.ce o ról, ou o traslado, de todos os bens que se inventariaram de João Leme e de Lourenço Leme..."* (1).

Godinho Manso leu, fez um muxoxo, atirou o papel ao lado:

— Rodrigo César que vá para o diabo!

E não tomou conhecimento do ofício. Não deu um passo. Começou, apenas, com mais acinte, a passear pela vila, de bastão e espada, à militar.

Nisto, vindos de Cuiabá, recebeu Rodrigo César papéis e documentos sobre os Lemes. Eram papéis graves. Confirmavam, na medida do possível, aquela nebulosa história das canastras de ouro. O Governador não teve mais dúvida. Sim Sebastião do Rego furtara os Lemes! Rodrigo César não vacilou: escreveu, incisivo e rude, esta peremptória carta ao Ouvidor:

(1) Correspondência de Rodrigo César. Doc. Int. vol. 20.

"Senhor Desembargador Ouvidor Godinho Manso.

O ouro que veiu das Minas de Cuyabá, pertencente a João Leme e Lourenço Leme, foi depositado nas mãos do Sargento-Mór Sebastião Fernandes do Rego, pelo que consta dos inventarios e demais papeis que me vieram.

Remetto-os a V. M.ce para que os veja e mande tirar o que é de João Leme (para pagamentos das custas e despezas) e o que tocar a Lourenço Leme ha de vir para as mãos do Thesoureiro dos quintos athé ordem de S. Magestade, que Deus guarde..." (1).

E repetia, com firmeza, no ofício imediato, a ordem ríspida:

"V. M.ce mande tirar, o quanto antes, das mãos de Sebastião do Rego o ouro que pertence aos Lemes" (2).

Nada de resposta! Nada de providências! Godinho Manso, decididamente, levava os seus caprichos a extremos que indignavam.

---

(1) Correspondência, vol. 20.

(2) Idem.

Rodrigo César, iradíssimo, deliberou invadir as atribuições do Ouvidor. Não havia outro remédio. E deu, ele próprio, início ao processo. Começou por enviar ao antigo confidente, secamente, esta determinação categórica e rude:

> *"O Sargento-mór Sebastião do Rego diga com brevidade, a importancia do ouro de João Leme e Lourenço Leme (visto constar e o Desembargador Ouvidor já o ter dito) que em poder de V. M.ce se acha depositada a importancia do dito ouro..."* (1).

O raposão recebe a ordem. Lê. Não tem um gesto de zanga. Não tem uma palavra de amuo. Apenas um sorrisozinho, fugaz e manhoso, esboça-se-lhe no lábio. Toma da pena de pato. E responde sem delongas, respeitosamente, ao Excelentíssimo Senhor Governador General. Responde, escorregadio e matreiro, com a mais cândida naturalidade, esta coisa espantosa:

> *"O que sei devão pagar João Leme e Lourenço Leme monta a 544 oitavas. São os quintos de ouro que pela minha mão correu; e ainda que,* pela de outras pessoas se entende haver

(1) Bandos e Portarias de Rodrigo César, vol. 12.

corrido algum, *não o sei com individuação.*

Esse dinheiro, comtudo, é para pagamento do que se me deve, proveniente de dizimos, porquanto os meus dizimos preferem os quintos reaes.

V. Excia., no entanto, mandará o que for servido.

Sebastião Fernandes do Rêgo (1).

544 oitavas! Rodrigo César caiu das nuvens. O ouro dos Lemes, o famoso ouro de Cuiabá, de que tão largamente se falara na Capitania, reduzido à migalha de 544 oitavas! E essas míseras oitavas, ainda assim, pertenciam, não ao fisco, mas àquele tratantíssimo Sebastião do Rego: eram para o pagamento dos dízimos. E por que não? Os dízimos do fuinha preferiam aos quintos do Rei.

Rodrigo César não se conteve:

— Grandíssimo canalha!

* * *

Onde foram parar as dozes canastras que vieram no batelão-mestre? Ninguém sabia. Apenas o velho Taques ponderava: "o grande cabedal de arrobas de

(1) Idem.

ouro, com que do Cuyabá chegaram a São Paulo os dois infelizes irmãos João e Lourenço Leme até agora não se sabe o que é feito dele; porque, estando entregue a Sebastião Fernandes do Rego, como temos referido, ainda não se descobriu o seu consumo".

O PROVEDOR DOS QUINTOS DE ITU

Rodrigo César de Menezes, à vista de ordens que recebera do Reino, principiou a aprestar-se para uma grandiosa viagem rústica. O General ia a Cuiabá. Pela primeira vez, na vida da Capitania, atrevia-se um Governador de São Paulo a meter-se pelo serpenteio encachoeirado dos rios, afrontando a flecha ervada do paiaguá, rumo daquelas famosas minas de ouro, que Pascoal Moreira descobrira, perdidas tão longinquamente na selvatiqueza do país.

A monção, que devia conduzir o Excelentíssimo Senhor Governador General, tinha de ser, necessariamente, a mais luzida de quantas já se haviam afoitado por aquelas águas bárbaras.

A jornada era longa e áspera.

No porto de Araritaguaba, por isso mesmo, corriam os preparativos em fervente azáfama. Os caboclos davam os últimos ademãs aos trabalhos. Botavam na água, todos os dias, enormes batelões novos. Cobriam-nos de toldos breados. Armavam-lhes mosquiteiros. Calafetavam-nos. E, sem cessar, na previsão das duras

descomodidades da rota, entupiam barcaças de víveres e de cargas secas.

Enquanto isso, na Governança, corria a papelada sobre o ouro dos Lemes. Onde estaria a riqueza dos régulos? O escândalo daquele furto rebentou célere pela Capitania. Toda a gente soube logo das cóleras do Governador contra o confidente e amigo. Toda a gente soube — e com que gosto! — da desvalia em que tombara o homem prestigioso. O povo, vendo-o em plena desgraça, pôs-se a levantar contra ele desabrido uivar de acusações. Que acusações! Vinham de todos os lados. Partiam de todas as bocas. Era um clamor só:

— Sebastião do Rego é ladrão!

Sim, era um ladrão. As incríveis gatunagens dele surgiam à tona, incontáveis.

Desvendou-se, diante daquele clamor, a razão, no começo tão singular, pela qual o fuinha pedira para si, depois de tantos serviços no caso dos Lemes, apenas aquele posto, aparentemente pequenino, de Provedor dos quintos de Itu. Não havia mineiro que não contasse as patifarias do fuinha naquela boca-de-sertão. Este dizia que "pagara os quintos em Itu, mas Sebastião do Rego, ficando-se com o dinheiro, não lhe dera o papel da guia: agora, em São Paulo, tinha de pagar novamente os quintos"! Aquele que "Sebastião cobrara, de todas as monções, além dos quintos, mais duas oitavas

de ouro por cabeça!" Fizera um mar de dinheiro... Outro ainda que "Sebastião obrigara os mineiros, à força, a venderem-lhe, por preços baixíssimos, todo o ouro que haviam trazido de Cuiabá"!

Extenso era o rol das velhacarias!

Rodrigo César, diante da vasta grita, mandou, a toque de caixa, por todos os cantos, apregoar um bando enérgico, enxovalhante, em que vinha publicamente, com todas as letras, o nome do fraudador. O bando dizia assim:

> *"Por se fazer necessario saber se as pessoas, vindas nas monções de Cuyabá, tiveram de quintar ouro duas vezes: huma na paragem onde está o Sargento-mór Sebastião Fernandes do Rego e outra nesta Villa, sendo tambem necessario saber se dito Sebastião do Rego comparava ouro por preço inferior ao que valia, intimando as pessoas, que o traziam, a vendel-o á força: ordeno e mando que taes pessoas venham delatar o que ha, para que se lhe dê as providencias necessarias..."*

Mas não foi só. O Governador mandou também apregoar, "por todos os caminhos, nas villas de Outú, Sorocaba e Parnahyba", outro bando, também categórico:

"Por se me reprezentar que Sebastião Fernandez do Rego, quando encarregado da cobrança dos reaes quintos de Cuyaba, levava duas outavas de ouro a quem tinham pago ditos quintos, dizendo que era pello seu trabalho, e sendo perciso averiguar e saber a verdade disso, mando e ordeno a toda a pessoa, que pagou alguma outava de ouro alem dos quintos, o mostre com verdade, para mandar satisfazer a cada hum da fazenda do dito Sebastião Fernandes do Rego".

Era a desmoralização do falcatrueiro. Era a desmoralização e a perda. Mais eis que um imprevisto (há sempre um deus que protege os larápios) impediu bruscamente o prosseguimento da devassa.

Sim, Rodrigo César, apesar de bandos tão terminantes, não pôde levar a término a punição do homenzinho mesureiro. Por quê? Porque chegara o tempo das monções. O rio baixara. Todos os aprestos da jornada estavam acabados. Ao mesmo tempo — curiosa coincidência! — vieram ordens expressas do Reino para que o Governador partisse sem tardança. Não havia discutir. Rodrigo César teve que embarcar.

E partiu.

Enfiou nas águas a pomposa canoada da monção. Eram, entre as canoas do Governo e as canoas dos que

aderiram à jornada, eram simplesmente, bailando na correnteza, trezentas e oito embarcações. Nunca se vira monção tão grande!

Rodrigo César, no seu vistoso batelão recoberto de toldos breados, muito entupido de comodidades, lá foi, como um rei bárbaro, rodando grandiosamente pelo Tietê abaixo. Lá foi, através de saltos e de itaipavas, de varações à sirga e corredeiras a varejão, lá foi, durante quatro penosíssimos meses, afoitando-se por aquele emaranhado de rios solitários. Ao fim de tão longo jornadeio o Senhor Governador Geral desembarcou com pompa em Cuiabá. Foi, naquele sertão bruto, um acontecimento altíssimo. Principiaram, com a chegada de personalidade tão evidente, grandes ordens e grandes providências nas lavras.

Em São Paulo, no entanto, livre de processo, livre das garras de Rodrigo César, o pequenino Sebastião do Rego, sempre macio e melífluo, largava-se, mais do que nunca, à faina velhaca de enriquecer. A impunidade incentivara-lhe as ladroíces. E as ladroíces dele, desde então, não tiveram mais balizas.

.CALDEIRA PIMENTEL

Aqueles escândalos e abusos de Sebastião do Rego iam soando já por Lisboa. Portugal resolveu cortar cerce com eles: chegaram ordens do Reino para que o ouro de Cuiabá fosse quintado e fundido na própria sede do governo. Fosse quintado e fundido sob as vistas do Governador em pessoa. Criou-se, então, em São Paulo, a "CASA DA FUNDIÇÃO". Ficava ela em continuação ao Paço da Governança. E ligava-se a ele por uma porta comunicante. O ouro do Rei, segundo a usança das Gerais, deveria ser aí barreteado, "em barras de vinte e cinco a trinta marcos"; e, para que não houvesse desvio, nem possibilidade de furto, determinava o Reino, expressamente, que "hum dos fundidores hé obrigado a marcar, com os cunhos reaes, as barras que se quintarem; e isto em presença do Provedor, em presença do Escrivão e em presença do Thesoureiro".

Sebastião do Rego, em Itu, arrostava, desassombradamente, a malquerença do povo. Os bandos do Governador haviam golpeado fundo o prestígio do raposão. Mas o senhor Provedor não era homem para se

deixar vencer ao primeiro golpe. Jamais! Era um lutador. E que lutador! A partida de Rodrigo César, com aquelas pomposas trezentas e oito canoas, fora um alívio para o trapaceiro. Mais do que alívio: fora, naquele minuto negro, clara nesga de céu azul que se lhe abriu. E como remate a tão boa fortuna, eis que, nessa hora, chegam aquelas abençoadas instruções para estabelecer-se em São Paulo a Casa da Fundição.

Sebastião do Rego continuava a ser (não fora ainda destituído) Provedor-mor da Fazenda Real. O fuinha, como lhe competia, determinou partir às pressas para São Paulo: o Provedor-mor da Fazenda Real carecia cuidar dos interesses de el-Rei! Sebastião do Rego por força do cargo principiou então — sarcasmo do destino! — a dirigir os negócios da Casa do Ouro. Daquela casa tão principal, tão preciosa, é verdade, mas tão mal ajeitada e defeituosa, que dela dizia o Conde de Sarzedas ao Rei: "Senhor! A casa da fundição que se fez nesta cidade se acha fabricada de tal forma que fica na mão do fundidor o poder desviar o ouro que lhe parecer. O mesmo acontece ao cunho" (1).

* * *

Daí em diante, com aquela fonte de ouro nas garras, senhor do érario, sem o Governador para vigiá-lo,

(1) Vol. 32, pág. 335, nota in fine.

as gatunices do fuinha não tiveram mais mão a medir. Foi um Deus nos acuda! A Capitania encheu-se logo, estrondosamente, das proezas descaradas do senhor Provedor-mor. Diziam-se coisas horrendas.

O que, porém, andava de boca em boca, muito cochichado, era que o Provedor tinha cunhos falsos. Sim, que tinha cunhos falsos! Que, às escondidas, ele mesmo fundia e barreteava ouro. Verdade? Calúnia? Impossível responder. O certo, contudo, era que os mineiros, ao virem de Cuiabá, não queriam mais entregar o seu ouro na Casa da Moeda. Preferiam entregá-lo, às ocultas, em casa de Sebastião do Rego. O fuinha — sabe Deus como — botava nele os cunhos reais e quintava-o por conta própria: e isto pela metade do que cobrava o fisco!

— Qual será o fim disto?, exclamavam os paulistas, aterrados.

Mas não havia tolher aquelas falcatruas. Um deus clemente, o deus dos larápios, continuava, compassivo, a proteger o raposão.

Eis senão quando, em meio àquelas ousadias, o Governo de Lisboa, sem razões maiores, substitui a Rodrigo César de Menezes! A notícia de tão inesperada substituição estourou em São Paulo quando Rodrigo César ainda estava em Cuiabá. Que teria acontecido? Ninguém podia atinar. Só se sabia que, para sucessor dele, nomeara a metrópole a Antônio da Silva Caldeira

Pimentel. Sebastião do Rego, ao ter conhecimento da nova, exultou: ruíra por terra o homem perigoso! Podia agora ele, o Provedor campear à vontade na Casa da Fundição...

A rapacidade do trapaceiro, daí por diante, continuou mais desbragada. Mais desbragada, sim, mais atrevida, como se quisesse Sebastião, antes da chegada do novo Governador, abocanhar o máximo que lhe coubesse na gorja. E ele abocanhou, sem medo, tudo o que pôde.

* * *

15 de agosto de 1727. Desmontou de sua mula gateada, em frente ao Paço da Governança, Sua Excelência o Senhor Governador Caldeira Pimentel.

Quem era o novo procônsul? Homem sem prosápia nem linhagem. Diziam apenas os Taques (letrados mui sabidos em árvores genealógicas) que "Pimentel era filho espurio de um conego da Sé de Lamego". Mas que importava isso? Governador da Capitania era o seu título de nobreza. E não era, bem se vê, naquela rude Capitania, título pequeno nem desprezível.

Para recebê-lo, portanto, o dia fora de grande festa. Dia de alvoroço e de brilho. A cidadezinha, aquele tosco vilarejo colonial, ataviara-se com todas as suas pobres galas para acolher o alto potentado. Houvẽ fol-

guedos. Houve sessão pomposa no senado da Câmara. Houve comida de gala. Houve muito estrondo de ronqueira.

Caldeira Pimentel trazia os ouvidos cheios das velhacarias de Sebastião do Rego. Vinha bem enfronhado. Sabia com pormenores das incontáveis maroteiras do fraudador. Por isso, na mesma noite da chegada, o Governador trancou-se a sós com o Provedor numa das salas do Paço.

— Pois é como vê, sô Sebastião: aqui estou nestes brasis! Trocar o Reino por este fim de mundo, vamos lá, não é negócio dos mais cobiçados. Mas dizem que a gente, por cá, enriquece num abrir e fechar d'olhos. Vosmecê, ao que me consta, enriqueceu a mais não poder...

O Provedor-mor baixou os olhos ao chão. Baixou-os, confuso. Que queria dizer o Governador? Mas Caldeira Pimentel, risonho e afável, sossegou-o com duas amistosas palmadinhas no ombro. Disse-lhe estas surpreendentes coisas:

— Pois eu peço a Vosmecê, sô Sebastião, que me ensine como a gente enriquece cá na terra! Eu, do Brasil, não pretendo outra coisa senão o ouro. Vim aqui para tratar de ganhá-lo. E ganhá-lo logo. Se Vosmecê quiser — veja lá! — podemos até fazer alguns negociozinhos de parceria....

Sebastião do Rego botou no Governador dois olhos rebrilhantes. Havia neles um clarão inteligente. Um

clarão vivíssimo. E, ao mesmo tempo, havia neles cúpida alegria triunfante.

E tinha o fuinha justo motivo para aquela emoção:

Sebastião do Rego, daquele momento em diante, estava, nas suas trapaças e nas suas rapinagens, de parceria com o Governador Caldeira Pimentel! Estava de parceria com o filho espúrio do cônego de Lamego!

Quem jamais haveria de sonhar tal coisa?

TRÊS CAIXÕES DE OURO

As monções de Cuiabá, nesse ano, haviam trazido muito ouro. Os quintos do Rei eram abundantíssimos. Orçavam por largas arrobas. E esse ouro, fundido em barras, com os cunhos reais vistosamente gravados, atulhava já os cofres da casa da moeda. Esperava apenas comboio seguro para seguir a caminho de Santos.

Foi quando, pela canoada de João Antunes Maciel, chegaram ainda "cuatro arrobas de ouro e tresentas e quarenta e tres oitavas". E mais, em folhetas, na monção do Padre Queiroz, "trinta e quatro mil e oitocentas e sessenta e duas oitavas".

Rodrigo César, de Cuiabá, ignorante ainda da chegada e posse de Caldeira Pimentel, mandava, com aquelas remessas, ordens ao tesoureiro de São Paulo:

> *"O ouro que ahi vae se não ha de barretear, mas sim hir como eu o remeto. Quero tambem que se não abrão os caixões. Vão algumas folhetas grandes para Sua Magestade; e não quero succeda trocarem-nas por ouro em pó"* (1).

(1) Doc. Int. vol. 40.

Tinham os Governadores como preciosa ventura o poderem enviar ao Rei essas folhetas raras, de tamanho e peso surpreendentes, que os mineiros, de quando em quando, topavam em meio do cascalho.

> *"Remeto com esta, a V. Magestade, hua folheta de noventa marcos, que, pelo seu grande tamanho, e não haver aparecido na America outra igual, não quiz que se fundisse, por presumir que V. Magestade teria gosto de a ver".*

Como, naquele ano, a remessa era de vulto, e as folhetas grandes, Rodrigo César punha cuidados meticulosos no envio. E escrevia:

> *"O ouro que já se acha ahi, e que acompanhará este que agora vae, se remeterá em tres caixões levando cada hum tres borrachas* (1) *com o mesmo peso, mais ou menos. No caso em que, por qualquer incidente, a frota haja partido, tornará o ouro a vir immediatamente para essa villa, donde não sahirá sem ordem minha".*

(1) Sacos de couro, impropriamente — borrachas — onde se metia o ouro. O ouro condicionado neles era então posto dentro de caixotes.

Caldeira Pimentel e Sebastião do Rego receberam, com a carta, o ouro de Cuiabá. Ouro entontecedor! Ouro fatídico! Que havia nele, de tão diabólico, que fascinava tanto? Não sei. O que sei é que, diante daquelas instruções, os dois parceiros determinaram em aprestar pessoalmente os caixões.

* * *

É noite. Noite alta. Atravessam ambos o casarão do Paço e entram, pela porta comunicante, na Casa da Fundição. Acendem o candeeiro de azeite. Sebastião tira do bolso grossa chave de ferro. Abre o cofre dos quintos.

Que cena!

As barras lá estão empilhadas, amarelando. Quantas arrobas! E dizer que tudo aquilo vai para Lisboa! Tudo ao Rei! Para quê? Para os esbanjadores de Mafra, para os desperdícios da Capela São Roque, para os caprichos de Madre Paula... Não, não era possível! Os olhos dos dois homens fulguram, cúpidos.

Sebastião do Rego vai ao armário onde se guardam as borrachas. Nesse armário, que é amplo e fundo, há saquinhos de chumbo em grão. Há, estranhamente, muitos saquinhos de chumbo em grão. Sebastião escolhe no armário três borrachas.

E ambos, o Governador e o Provedor, põem-se ali, à luz do candeeiro, a preparar a remessa dos quintos. Enchem as borrachas. Cosem-nas com fios de couro. Depois de cosidas, lacram-nas. Depois de lacradas, botam-nas dentro dos caixões. Os caixões, pregam-nos eles com muita pregaria de ferro. E selam-nos com os selos reais.

Está pronta a remessa dos quintos.

No outro dia, recebe o oficial do comboio os três caixões. E, sem mais delonga, toca para o porto com a carga preciosa. Um pelotão de carabineiros, bem armado, vai custodiando rigorosamente o ouro de el-Rei.

* * *

— Chegou a frota do Brasil, Majestade!

D. João V ergueu-se alvoroçado.

— E o ouro, senhor Diogo de Mendonça? Veio o ouro de Cuiabá?

— Veio, Majestade! E já foi recolhido à Casa da Moeda. Quer Vossa Majestade, como de costume...

— Sim, sim... quero estar presente, como de costume, à abertura dos caixões. V. Excelência mande avisar o Embaixador da França. E também o Embaixador da Espanha. Que venham ambos assistir comigo ao recebimento dos quintos. É bom que eles vejam,

com os próprios olhos, o que é o ouro do Brasil. Hão de escrever aos amos, ao depois, contando o que viram...

* * *

São três horas da tarde. Grande alvoroço na Casa da Moeda. El-Rei acaba de chegar! Vem acompanhado da Rainha. A Rainha é aquela ruiva e altaneira D. Mariana d'Áustria, a quem uma freirazinha de Odivelas disputa com vantagem o coração do Rei. Rodeiam os Soberanos altos dignitários. Lá está Diogo de Mendonça Corte Real, Primeiro-Ministro. E Alexandre de Gusmão, o escrivão da puridade. E o Arcebispo de Tessalônica. E Antônio Guedes Pereira, senhor de Frágoas e Alcaide-mor de Condeixas. E o Marquês de Capecelatro, Embaixador de Espanha. E Monsieur de Montagnac, o Cônsul francês. De Montagnac, depois do melindrosíssimo caso diplomático do abade de Livry, é quem faz em Lisboa as vezes de Embaixador de França.

Que vaidade a do ostentoso monarca! "D. João V compreendeu (conta-o Machado de Oliveira) em seu orgulho e filança, que convinha fazer a abertura dos caixões de um modo aparatoso, que atestasse a posse que tinha da região mais rica do mundo. Para isso convocou a sua corte, os principaes potentados de Lisboa,

convidando os ministros estrangeiros para perante todos fazer-se a exhibição do ouro. Procedeu-se então a abertura dos cofres"... (1).

Ao meio do salão, sobre larga mesa manuelina, recoberta por colgadura de veludo carmesim, rendada de tremidos, estão os três caixões lacrados. São os caixões do Brasil. Aquilo é o ouro de Cuiabá!

— Senhor Diogo de Mendonça, diz el-Rei. vamos a ver os quintos deste ano! Vamos a ver, sobretudo, essas folhetas grandes de que nos fala Rodrigo César.

Dois escudeiros, a um gesto do Ministro, enfiam grossa cunha de ferro entre as pranchas de um dos caixões. A tampa desprega-se. Os escudeiros retiram de dentro as borrachas de ouro. Põem-se a desfazer, com aguçada lâmina, os pontos de couro. Logo, ao primeiro ponto que se desfez, os dois criados entreolham-se, chocados. Desfazem-se outros pontos: e eis que na mesa manuelina, com pasmo de toda a gente, rola, da borracha aberta, em vez de rútilas barras de ouro, suja golfada de grãos de chumbo!

— Chumbo?

De todas as bocas, irreprimível, rompe, a um só tempo, o mesmo grito de surpresa:

— Chumbo?

(1) "Quadro histórico da Província de São Paulo".

Ninguém compreende. Que significa aquilo? Engano? Farsa? Roubo? Ninguém sabe! Estão todos, isto sim, estarrecidos...

— Chumbo? Chumbo em lugar de ouro? Mas que é isto, senhor Ministro?

— Não posso atinar, Majestade! Mas é verdadeiramente pasmoso o que estamos presenciando...

Os escudeiros, diante da ansiedade unânime, abrem, céleres, a segunda borracha. Novo desapontamento: chumbo! Abrem a terceira: chumbo!

Já não há mais surpresa: há fúria. Estão todos indignados. Literalmente indignados. El-Rei, não há dúvida, estava roubado. E roubado descaradamente. Que supremo atrevimento!

D. João V treme, pálido. Desapontamento e cólera, fundidos, crispam-lhe os lábios e franzem-lhe o sobrolho.

Faz-se pesado silêncio. Ninguém mais ousa uma palavra. A situação, diante daquelas borrachas abertas e daqueles chumbos esparsos, é fundamente constrangedora. Diogo de Mendonça, enfim, quebra aquele mal-estar:

— Majestade, eu vou tomar providências urgentíssimas.

O Rei não diz palavra. Ergue-se. Pega da bengala de castão de ouro. E sai.

Saem todos. Saem calados. Aquela cena vexara os espectadores. A vistosa teatralidade com que D. João circundara o recebimento do ouro tornara o desfecho ainda mais acabrunhador.

* * *

O embaixador de França e o embaixador de Espanha partem na mesma sege. Monsieur de Montagnac salta às Janelas Verdes. E ao saltar:

— Enfim, caro Marquês, o ouro da América, que vem a Portugal, não é lá de muito bom quilate...

E o Marquês de Capecelatro:

— Não é! O que vem à Espanha, não há dúvida, é incontestavelmente melhor...

E despediram-se a sorrir.

O VOTO

Estrondou em São Paulo, com ribombo, a notícia dos acontecimentos de Lisboa. "Chegada a remessa ás Cortes e abertos os caixões, achou-se, em lugar de ouro, chumbo em grãos de munição e deu isto tanto estrondo em todo o Reino que o seu echo chegou até aos extranhos. Mandou Sua Magestade apressado aviso ao Rio de Janeiro em huma nau de guerra, enviada somente a esta diligencia"...

As ordens, que vieram em carta com a nau, eram enérgicas. Aquele roubo dos quintos, o mais atrevido que vassalos portugueses já ousaram fazer a el-Rei, carecia ser devassado com rigor máximo. Carecia, com a devassa, que os criminosos fossem punidos com as penas últimas.

Caldeira Pimentel leu a carta. Leu-a e passou-a às mãos de Sebastião do Rego. O fuinha arregalou os olhos, assombrado. Mas não vacilou um instante.

— Foi Rodrigo César, Senhor! Rodrigo César foi o autor da trapaça!

Caldeira Pimentel encarou no Provedor com malícia. E o Provedor, sem pestanejar, alto e firme:

— Foi Rodrigo César quem mandou os caixões de Cuiabá. Os caixões vieram fechados e lacrados. Em Cuiabá, portanto, é que se fez a maroteira.

O Governador, diante de afirmativa tão categórica, concordou de pronto:

— Não há dúvida: foi Rodrigo César!

O escândalo encheu de alarde a Capitania. Quê? Pois houve homem, tão insolente, capaz de roubar a el-Rei? E toda a gente abria a boca, pasmada! Principiaram logo os comentários. E que rol de comentários! "Aquele caso era só a materia exposta ás conversas do povo, que de outra coisa não falava". Uns, com o Pimentel, afirmavam que "o Cesar tinha no Cuyabá feito introduzir chumbo no lugar do ouro, mas isto (acrescenta Taques) porque querer o Pimentel que o sacrílego atentado não recahisse em Sebastião do Rego, amigo particular do mesmo". Outros (dizem as Crônicas de Cuiabá) afirmavam, alto e bom som, "que fora feita a troca pelo proprio Sebastião do Rego, provedor em São Paulo, que teve os caixões em sua casa emquanto os não remetia ao Rio de Janeiro". Outros, enfim (diz o Quadro Histórico), levados por crendices estultas, afirmavam que Deus, como castigo, transformara milagrosamente em chumbo o ouro dos quintos,

pois aquele ouro, que era maldito, o Rei o estorquira do povo com sangue e lágrima.

Ao que diz secamente o comendador Toledo Piza: "Não houve milagre algum, mas roubo muito audacioso praticado pelo Provedor Sebastião do Rego de mãos dadas com o novo Governador Caldeira Pimentel".

De todas as versões, porém, a versão mais impressionadora era, sem dúvida, a de Sebastião do Rego:

— Foi Rodrigo César! Os caixões vieram de Cuiabá fechados e lacrados...

A justiça colonial principiou a mover-se. Mas a mover-se de que jeito! Aquela máquina, complicada e rude, não teve, com o próprio Rodrigo César a manobrá-la, agilidade nem eficiência. Com Caldeira Pimentel, então, o mecanismo da Justiça não havia meio de andar. Que demoras irritantes! Debalde Lisboa reclamava. A frota não levava palavra sobre o escândalo. Nem palavra sobre a devassa. Nada! O caso do roubo dos quintos ia morrendo...

Eis senão, quando, abruptamente, veio de Lisboa esta curiosa notícia: Caldeira Pimentel fora destituído de Governador! Qual a razão da mudança? Só Portugal o sabia. Mas o certo era que, para substituí-lo, fora nomeado o Conde de Sarzedas.

O Conde de Sarzedas chegou. Era um homem honrado e probo. Os atos dele, escrupulosos e enérgicos,

denunciaram-lhe o caráter reto. Sebastião do Rego circundou-o de mesuras. Em vão! De nada valeram as artimanhas do trapaceiro. Nem as maciezas. Nem os agrados. O Conde de Sarzedas, mal tomou posse do cargo, resolveu deslindar, uma vez por todas, as ladroíces do Provedor. E determinou imediatamente ao Ouvidor (que era então Gregório Dias da Silva) a mais rigorosa devassa

> *"sobre o ouro que se tiver quintado nesta Capitania, assim como sobre roubos e cunhos falços; e como de ninguem tenho maior conceito do que V. M.ce, lhe recomendo singularmente esta diligencia".*

Mudaram-se os tempos! Já não era Caldeira Pimentel que dirigia o timão. A devassa processou-se. E o Ouvidor, ao cabo de duas semanas, pôde informar ao Governador esta coisa gravíssima:

> *"Exmo. Snr. Conde General — Na devassa que tirey do cunho falço assim como fundirem-se barras de ouro da Real Caza de fundição, por nomeação de V. Excia. e ordem de sua Magestade, achey culpado a Sebastião Fernandes do Rego, Provedor-Mór dos Reaes quintos..."* (1).

(1) Doc. Int. vol. 41.

Sebastião Fernandes do Rego! Até que afinal, num processo regular, aparecia, oficialmente, pela primeira vez, o nome do ratazão diabólico. Até que afinal, nas malhas da justiça, caía o tremendo negocista da Capitania!

O Conde de Sarzedas, diante da palavra do juiz, demitiu Sebastião do Rego, sumariamente, do cargo de Proverdor-mor dos Quintos. E comunicou ao Rei:

> *"Senhor: A culpa que se apurou é suficiente para eu não mais conservar Sebastião do Rego como Provedor da Caza de Fundição..."*

Tombou o homem poderoso. Tombou com fragor, das alturas a que se alçara, o homem sutil, escorregadio, que sempre escapulira indene, velhaçamente, à garra de ouvidores e de governadores...

Mas como obtivera o fuinha aquele cunho falso? Como conseguiu ele, no tosco vilarejo de São Paulo, com ferreiros tão broncos, forjar cunho tão perfeito?

A devassa esclareceu tudo com detalhes:

> *"Senhor!*
>
> *Verificou-se, pela devaça, que a falcidade das barras que nesta Capitania se marçavam fóra da caza da fundição, não o foy com cunhos*

falços, mas com o verdadeiro da Real caza da fundição, *que furtava do cofre o Provedor dela Sebastião Fernandes do Rego...* (1).

Furtava o próprio cunho da Casa da Fundição! E, com ele, falsificava a cunhagem das barras. Grandíssimo larápio, não há dúvida! Mas como, perguntava o povo, como furtara ele o cunho do cofre? Com uma chave falsa.

"Senhor! (dizia o Governador ao Rei) a chave falça do cofre, onde se guardavam os cunhos, com que se marcavam as barras de ouro, estava na mão de Sebastião do Rego..." (2).

Mas não foi só a chave falsa. Não foi só o furto dos cunhos. Todas as demais falcatruas do senhor Provedor — e eram tantas! — vieram à tona esmagadoramente. Veio à tona, sobretudo, muito resolvido e esclarecido, o famoso roubo dos quintos. O juiz assim dizia:

"Sebastião do Rego está obrigado á Fazenda Real, não só pelo crime da chave falça, como

(1) Doc. Int. vol. 40.
(2) Idem.

por ter fundido barras de ouro, e, alem do mais, pelo Roubo dos quintos reaes..." (1).

Havia, diante disso, um só caminho a seguir: a prisão do culpado. E Sebastião do Rego foi preso.

A cidadezinha de São Paulo, certo dia, viu o famoso Provedor dos Quintos, o amigo dos Lemes, o confidente de Rodrigo César, o parceiro de Caldeira Pimentel, e, além de tudo, o reinol mais avantajadamente rico da Capitania, ser agarrado por um bando de soldados, maniatado, e, escoltado como um facínora, ser transportado cautelosamente para Santos.

Em Santos, por ordem das justiças, foi aferrolhado no calabouço da fortaleza "Barra Grande".

Permaneceu no calabouço largo tempo. Durante esse tempo, mesmo dentro do cárcere, o homenzinho não descansou. Que lutador feroz! Pôs-se a acusar, sem tréguas, violentamente, a toda a gente. A Rodrigo César de Menezes. A Caldeira Pimentel. A Jacinto Barbosa. A meio mundo! Acusava-os por meio de seus procuradores. Por meio de amigos graduados. Por meio de denúncias anônimas. A crônica está cheia desse desesperado, desse furioso debater-se do criminoso. "Da prisão mesmo (conta Washington Luiz), ainda elle procurava fazer carga a Rodrigo Cézar, requerendo embar-

(1) Doc. Int. vol. 40.

go nos soldos deste, sem haver nem sentença nem documento por onde constasse a divida..."

Tudo inútil!

De Santos, metido em nau de confiança, seguiu o fuinha para o Rio de Janeiro. O capitão do barco levava, com o prêso, ordens expressas para o Governador do Rio:

> *"Meu Senhor.*
>
> *Sua Magestade manda que os culpados na devassa do cunho falço sejam remetidos para o Limoeiro, na cidade de Lisboa; peço a V. S. que, no serviço de S. Magestade, queira remeter Sebastião do Rego para o Limoeiro, na forma que dito Senhor manda"...*

Para o Limoeiro! Ao ouvir, na prisão, a ordem de partida, o trapaceiro cai de joelhos, os braços abertos, súplice.

— Minha Nossa Senhora dos Remédios, acudi-me! Aqui, diante dos que me ouvem, publicamente, faço a vós este voto solene: ajudai-me nesta minha desvalia, Senhora minha, que eu, no dia em que me livrar da injustiça que ora me fazem, erguerei à minha custa, sem poupança, uma igreja de taipa em vossa honra!

A MISSA DOS REMÉDIOS

Correra o tempo.

A vida colonial da cidadezinha retombara no seu velho ramerrão. Tudo quieto de novo. Os negócios públicos, serenos. As minas, como dantes, a mandar ininterruptamente ouro à Lisboa. E o escândalo dos chumbos? Já ninguém mais se lembrava dele.

Eis que um dia, inesperadamente, quebra-se a pacateza de São Paulo. Que há? São uns cavaleiros que chegam. Varam tranqüilamente a terriola. Estacam em frente a um casarão de dois lances. Apeiam. As gentes da vizinhança correm a vê-los. E pela vilota inteira, sacudindo-a, estrondeja esta palavra incrível:

— Sebastião do Rego!

Sebastião do Rego! A nova era verdadeiramente estuporante. Ninguém queria acreditar. O vilarejo acorreu, precípite, em massa, a mirar, com os próprios olhos, o homenzinho formidável. Não havia o que duvidrar: era, de fato, Sebastião do Rego! Era Sebastião do Rego, em carne e osso, que voltava, livre e desembaraçado, dos calabouços do Limoeiro.

Mas como?

E todo o mundo, atônito, lançava o mesmo grito, como? Como conseguiu o fuinha escapulir das garras de el-Rei? Que filtros tinha ele? Que condão mágico? Ninguém sabia. Nem a história o desvenda.

Conta apenas o nosso vetusto Pedro Taques que Sebastião do Rego, "tendo o atrevimento de tirar o ouro

dos quintos e meter chumbo nos cunhetes, foi preso e remetido para Lisboa: donde, passados annos, com a lima do tempo e com astucias diabolicas, de que era dotado, conseguiu voltar para São Paulo na frota de 1739".

"Astucias diabolicas"... Mas quais teriam sido essas astúcias? Antes de partir, ao que se sabe, municiou-se o falcatrueiro largamente de dinheiro. Keep your purse full of "cruzadoes", diz o personagem da tragédia numa palavra célebre. O trapaceiro seguiu o conselho shakespeariano. Levou para Portugal todo o ouro que pôde. Mandava buscar, por mil modos, todo o dinheiro que conseguia apurar. "Para Lisboa vae hum home, por nome Luiz Martins, mestre Alfayate, levando a Sebastião do Rego desaseis mil cruzados"...

Com esse dinheiro, largo e sonante, o fuinha principiou a agir. Os cruzados do Brasil certamente alagaram Lisboa. Alagaram, não há dúvida, muita bolsa de influente, muita gorja de trampolineiro, muita gaveta de escrivão. Pois só com dinheiro é que se explica o milagre daquela escapula. Depois de furtar despejadamente a el-Rei, depois da papelada tremenda que o severo Conde de Sarzedas ajuntou contra o fraudador, só mesmo com as tais astúcias diabólicas, no dizer do cronista, isto é, com ouro, ouro as mancheias, com o ouro satânico, com o ouro eternamente corrutor, é que se pode compreender o bruxedo espantoso de tão inesperado livramento.

O fato, contudo, é que Sebastião do Rego tornou a São Paulo. Veio, não só escapo das garras do Rei, como ainda, ó imutável alma de comerciante — "trazendo uma grossa partida de mercadorias que comprou aos extrangeiros Pedegache e Blan".

E ei-lo, pois, instalado de novo na terra que o viu partir enxovalhado para o Reino. Ei-lo agora sem culpas. Que triunfo!

Sebastião do Rego saboreia, vaidoso, a curiosidade do povo. A curiosidade daquele povo que corre ali a contemplá-lo, com os olhos esbugalhados, vencedor e poderoso. Sim, vencedor de novo! De novo, poderoso! O assombro do vilarejo foi a glória do raposão. Foi, não há negar, a taça mais capitosa que o Provedor emborcou na sua áspera vida de negocista duro.

Sebastião do Rego cumpriu o seu voto. Mandou erguer, à sua custa, uma igreja de taipa a Nossa Senhora dos Remédios. As obras andaram rapidíssimas. Mestres de régua e pedra, muitos negros chusma de cafuzos e de índios, tudo trabalhou, meses a fio, com sofreguidão, no "voto" do potentado. E a igreja de Nossa Senhora dos Remédios, pintada de fresco, vistosa, surgiu enfim, com a sua frontaria azul, na velha Praça dos Remédios (1).

(1) É a mesma Igreja dos Remédios que ainda hoje existe. Apenas a Praça dos Remédios, em vez desse velho nome, chama-se hoje Praça Dr. João Mendes.

Nota do editor:

A igreja de Nossa Senhora dos Remédios foi erigida em 1724 e demolida durante as obras de alargamento da Praça Dr. João Mendes, em 1943. Reconstruíram-na, mais tarde, à rua Tenente Azevedo.

Vai-se rezar nela, dentro em pouco, a primeira missa. A primeira missa! Ah, que acontecimento... O vilarejo em peso, alvoroçado, espera ansiadamente a solenidade altíssima. Sebastião do Rego preparara, com entranhamento, estrondosa festa. Fizera ponto de honra em que a missa inaugural da sua igreja tivesse retumbância larga. Tivesse pompas e brilhos que marcassem época. E não poupou. O negocista, tão ciumento do seu ouro, abriu a bolsa, rasgadamente, sem contar, para que o seu voto se cumprisse com esplendor.

E o dia da festa chegou.

De manhã muito cedo, porém — chocante coincidência! — o Conde de Sarzedas recebe de Lisboa grossa papelada. Vêm nela despachos graves. O Governador manda buscar o Ouvidor com urgência. Metem-se ambos, a portas trancadas, em longa conferência. Depois, com surpresa da Governança, fazem vir ao Paço o cabo da guarda. Entregam-lhe um papel d'Estado, largo, cheio de lacres, com a assinatura do Ouvidor. Dão-lhe ordens extraordinárias. O cabo ouve, não diz palavra, roda nos pés, parte. Parte, com um troço de carabineiros, a caminho da casa de Sebastião do Rego.

* * *

Dona Maria Caminha, a mulher de Sebastião do Rego, tem o ar aflito. Tem os olhos vermelhos. Ao

saber que soldados estão à porta, sobressalta-se. Vai logo ter com eles muito surpreendida.

— Que há, cabo Antão?

— Eu queria falá com sô Sebastião.

— Impossível, cabo! Ele caiu de cama esta noite.

— Tá mal?

— Para mim é nó na tripa. Ele se torceu, varado de dor, o que deu a noite. Nossa Senhora! Foi um corre-corre nesta casa...

Cabo Antão escuta, indeciso. Não sabe o que fazer. E alonga, desconfiado, uns olhos perscrutadores pela casa adentro.

— Mas o que há, cabo Antão? Vosmecê queria alguma coisa?

O soldado passa às mãos de D. Maria o papel do Ouvidor. A mulher lê. Lê e empalidece.

— Jesus!

Há no papel esta coisa de assombrar: ordem do Rei, vinda de Lisboa, para se prender, de novo, imediatamente, a Sebastião do Rego! Mais: ordem para se lhe confiscarem, com o mais severo rigor, todos os bens. E ainda: ser ele, pela frota do ouro, remetido a ferros para Lisboa!

— É impossível levar o homem, cabo Antão! Entre um pouco. Venha vê-lo.

O cabo entra. O quarto de Sebastião do Rego cheira a emplastros e mezinhas. O pobre diabo lá está na cama, esverdeado e magro, a debater-se com desespero. As contorsões são horríveis. Ele tem os olhos escavados. Os cabelos empastados de suor. O cabo, vendo-o daquele jeito, reconhece logo a inutilidade da diligência. E pensa:

— É nó na tripa. Não escapa!

De nada valeram as sangrias. Nem as purgas. Nem a fervedura de cobre com ipeca. O cabo tinha razão; Sebastião do Rego não escapou à doença.

Morreu. Morreu no dia da primeira missa. Em vez de ir à Igreja dos Remédios prestar contas do seu voto, teve que ir à presença divina prestar contas dos seus pecados. Essas contas, que deveriam estar escrituradas em boa ordem, certamente as prestou de forma cabal, muito a contento de todos, o insigne Provedor-mor da Fazenda Real.

* * *

A Coroa confiscou-lhe os bens. Aquele homem desconhecido, que viera de Portugal tão apagado e roto, conseguira amontoar, sem fanfarronada e nem alarde, esta soma que maravilha: cerca de um milhão de cruzados. Um milhão de cruzados em tão escuros e longínquos tempos!

Para ter-se uma idéia concreta da imensidade daquela soma, basta notar-se que as casas de Toledo Piza, as mais grandiosas da vila, que serviam de Paço da Governança eram, "todas elas", alugadas à Coroa pelo respeitável preço de cinco mil-réis mensais, isto é, doze cruzados e meio por mês!

O fisco, contam-no velhos papéis, depois de vender como pôde, Deus sabe de que jeito, os teres que ainda possuía Sebastião do Rego, apurou, líquidos; em moeda sonante, a quantia redonda de oitocentos mil cruzados. Depois de anos de prisão, depois de perseguições duras e, como é de supor, depois de haver o fuinha despejado em Lisboa ouro à farta, abocanhar ainda o fisco, para o tesouro de el-Rei, oitocentos mil cruzados é coisa verdadeiramente de espantar.

Hoje, dada a relatividade da vida, a quanto equivaleriam eles? A alguns milhares de contos de réis. Notai, porém: milhares de contos, em 1740, numa Capitania sertaneja, entre caboclos chucros, dentro de um povoadozinho bronco.

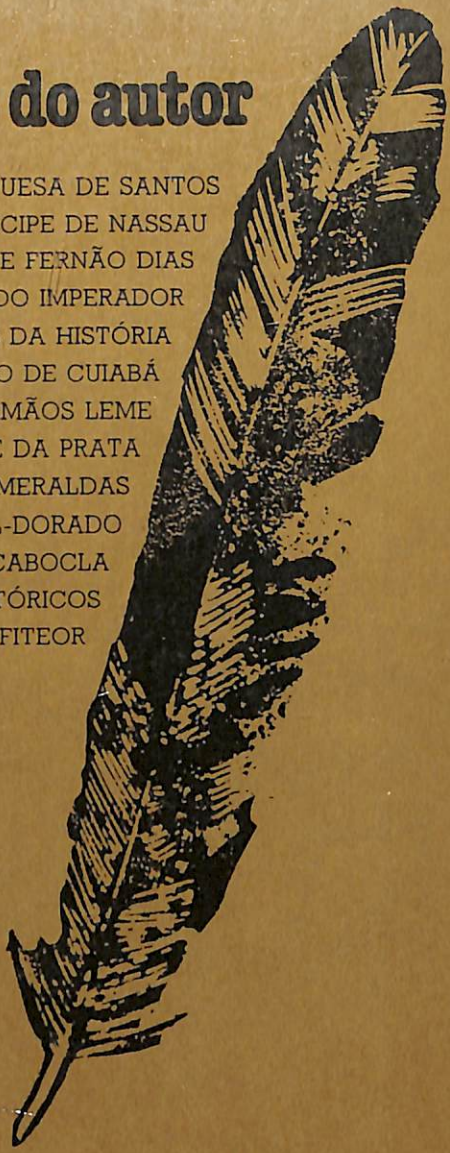
Sebastião do Rego para ajuntar, em ambiente assim tão pequenino, ouro tão enorme, devia ser um tratante notável. E foi-o, sem dúvida. Foi-o com tal raposice, e, ao mesmo tempo, com tal atrevimento, que, decerto, bem merece ele a tosca homenagem póstuma desta crônica.

— Que a terra te seja leve, Sebastião do Rego!

Impressão e acabamento
SÃO PAULO IND. GRÁFICA E EDITORA SA
com fílmes fornecidos pela editora

obras do autor

A MARQUESA DE SANTOS
O PRÍNCIPE DE NASSAU
A BANDEIRA DE FERNÃO DIAS
AS MALUQUICES DO IMPERADOR
NOS BASTIDORES DA HISTÓRIA
O OURO DE CUIABÁ
OS IRMÃOS LEME
O ROMANCE DA PRATA
O SONHO DAS ESMERALDAS
EL-DORADO
ALMA CABOCLA
ENSAIOS HISTÓRICOS
CONFITEOR



"Que o meu pensamento
brote espontâneo do coração e tombe sincero da pena."